

Curso de Graduação em Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso

# **Narrativa e experiência: percepções, práticas culturais e memórias de pessoas migrantes**

Flávia Priscila Ventura

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Rio Claro (SP)

2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Câmpus de Rio Claro

FLÁVIA PRISCILA VENTURA

**Narrativa e experiência: percepções, práticas culturais e  
memórias de pessoas migrantes**

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -  
Câmpus de Rio Claro, da Universidade  
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para  
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP  
2012

374 Ventura, Priscila Flávia  
V468n Narrativa e experiência: percepções, práticas culturais e  
memórias de pessoas migrantes / Priscila Flávia Ventura. -  
Rio Claro : [s.n.], 2012  
68 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots., mapas, plant.  
  
Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e  
Ciências Exatas  
Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo  
  
1. Educação de adultos. 2. Migração. 3. Narrativas de  
migrantes. 4. Educação de jovens. 4. Leitura e escrita. I.  
Título.

FLÁVIA PRISCILA VENTURA

**Narrativa e experiência: percepções, práticas culturais e  
memórias de pessoas migrantes**

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -  
Câmpus de Rio Claro, da Universidade  
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para  
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (orientador)

Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Prof. Dr João Pedro Pezzato

Rio Claro, 06 de dezembro de 2012.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Clara e Agenor (in memoriam), e ao meu irmão José Nilson, por todo apoio para que eu conseguisse cursar a graduação.

Ao Programa de Permanência Estudantil da Unesp, em especial a Amarilis.

As meninas da República Manda-Chuva, ano de 2007, que me acolheram em meu primeiro ano de graduação.

A todos os companheiros de moradia da casa da avenida 28 e casa 12, com quem além de compartilhar o espaço de uma casa, compartilhei o dia a dia universitário, as alegrias e angústias, em especial a Sara, Jéssica e Nathália (com quem dividi também o quarto).

Ao Programa de Intercâmbio a Estudantes de Baixa Renda da Unesp. E aos companheiros de viagem, Elisangela, Aline, Fábio, Maicon e Nardin, universitários que tão bem representaram o Brasil na Universidade de Santiago de Compostela. E aos que conheci além-mar, Inês, Tarek, Zayed, Sophia, Bruno, Carmen e Érika que marcaram minha permanência na Espanha.

A todos os professores do curso de Graduação em Geografia e demais funcionários do campus que sempre estiveram dispostos a ajudar no que fosse possível.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo pela atenciosa orientação neste trabalho e em outros mais que tenho realizado com seu apoio e participação.

A todos os educadores do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) pela parceria na busca de uma educação para a emancipação. E aos educandos com quem tive a oportunidade de aprender, verdadeiros mestres, em especial às educandas da turma do Bonsucesso.

Às educandas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Márcia, Ana Clara e Alicia, que aceitaram compartilhar suas histórias.

A Thiago Santos Mota, alguém especial em minha vida, amigo e companheiro de todas às horas.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento para a realização dessa pesquisa.

*[...] estaba en la Universidad, dando una charla junto con un gran amigo, un director de cine argentino, Fernando Birri, y entonces los muchachos, los estudiantes, hacían preguntas, a veces a mí, a veces a él y le toco a él la más difícil de todas, un estudiante se levantó y preguntó: ¿ Para qué sirve la utopía? Yo lo miré con lastima, digo huy que lio ahora, y él contesto estupendamente, de la mejor manera. Dijo que la utopía está en el horizonte, y dijo: yo sé muy bien que nunca la alcanzaré, que sí yo camino diez pasos, ella se alejará diez pasos, cuanto más la busque menos la encontraré, porque ella se va alejando, a medida que yo me acerco. ¿Buena pregunta, No?, ¿Para qué sirve? Pues la utopía sirve para eso, **para caminar**.*

*(Eduardo Galeano)*

## RESUMO

A partir do contato com adultos pouco escolarizados residentes em dois bairros periféricos do município de Rio Claro-SP, cuja população é em grande parte oriunda de outros estados, surgiram algumas indagações, entre elas: Quais motivos para a migração são apontados nas narrativas de adultos pouco escolarizados frequentadores de turmas de EJA? Assim, num primeiro momento dessa pesquisa, apresentam-se alguns dados coletados por meio de questionário aplicado a educandos da EJA, levantando informações sobre o estado e município de origem de cada educando. Na segunda etapa foi utilizada a metodologia história oral apontando questões sobre os motivos da migração relatados pelos sujeitos que migraram, o acesso e a busca por escolarização e as práticas de leitura e escrita. Foi realizada também, uma atividade imagética (ou entrevista caminhante) com uma educanda, apontando elementos da paisagem do bairro que traz à memória o local de nascimento. Portanto, apresentam-se aqui as narrativas de mulheres que passaram pela experiência migratória.

**Palavras-chave:** narrativas de migrantes; educação de jovens e adultos; leitura e escrita.

## ABSTRACT

Based in the contact with adults with little education that living in two suburbs of Rio Claro-SP, whose population is largely coming from other states, there were some questions, including: What are reasons for migration are pointed in the narratives of adults little schooling participants EJA classes? So, in the first moment of this research, we present some data collected through a questionnaire applied to students of EJA, we taking information about the state and county of origin of each student. In the second stage methodology was used Oral History pointed questions about the motives of migration reported by subjects who migrated, access and search for education and practice in reading and writing. It was also realized, an activity imagery (or walker interview) with the student, highlighting elements of the landscape of the neighborhood that brings memory's birthplace. Therefore, we present here the stories of women who had migratory experience.

**Keywords:** narratives of migrants; young and adult education; reading and writing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Localização da cidade de Rio Claro e vista aérea parcial.....                                                                                                       | 12 |
| Figura 2: Mapa de um atlas escolar: “Migração na década de 1990 no Brasil” .....                                                                                              | 16 |
| Figura 3: Taxa de analfabetismo.....                                                                                                                                          | 23 |
| Figura 4: Rio Claro- Evolução de áreas loteada entre 1835 e 2004 - Localização dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel.....                                                      | 29 |
| Figura 5: Rio Claro- Renda Média em Salários Mínimos - Localização dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel.....                                                                  | 30 |
| Figura 6: Rio Claro: Porcentagem de pessoas com 5 anos ou mais de idade sem instrução, por setores censitários- 2000. Identificação dos Bairros Bonsucesso e Novo Wenzel..... | 31 |
| Figura 7: Estado de origem dos educandos de EJA das escolas I e II.....                                                                                                       | 32 |
| Figura 8: Localização dos Municípios de nascimentos do educandos da EJA das Escolas I e II.....                                                                               | 35 |
| Figura 9: “Mata” do Novo Wenzel.....                                                                                                                                          | 44 |
| Figura 10: Quadra de esportes do Novo Wenzel.....                                                                                                                             | 45 |
| Figura 11: Placa-Não jogue lixo neste local.....                                                                                                                              | 46 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Pessoas que frequentavam escola ou creche, por curso que frequentavam.....                                                                | 25 |
| Tabela 2: Número de pessoas residentes em Rio Claro segundo naturalidade.....                                                                       | 26 |
| Tabela 3: Pessoas atualmente residentes em Rio Claro, não naturais do Estado de São Paulo, por tempo ininterrupto de residência no Estado.....      | 26 |
| Tabela 4: Pessoas de 15 anos ou mais de idade: total, alfabetizadas e não alfabetizadas, por situação do domicílio, Rio Claro- São Paulo- 2010..... | 27 |
| Tabela 5: Estado de origem por número de Educandos.....                                                                                             | 34 |
| Tabela 6: Municípios de nascimento dos educandos da EJA das escolas I e II.....                                                                     | 36 |
| Tabela 7: Período escolar anterior dos educandos da EJA das escolas I e II.....                                                                     | 37 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| CARTA AO LEITOR.....                                                                                               | 9  |
| 1INTRODUÇÃO.....                                                                                                   | 11 |
| 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....                                                                                       | 14 |
| 2.1 Alguns apontamentos sobre narrativa, experiência e memória.....                                                | 14 |
| 2.2 Sobre a paisagem, a percepção e o lugar.....                                                                   | 17 |
| 2.3 Ler e escrever como práticas culturais.....                                                                    | 18 |
| 3 O CAMINHO METODOLÓGICO.....                                                                                      | 20 |
| 4 TRAJETÓRIAS ESCOLARES E MIGRATÓRIAS DE EDUCANDOS DA EJA.....                                                     | 23 |
| 4.1 Alguns dados sobre o Analfabetismo e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....                             | 23 |
| 4.2 Migração e Analfabetismo (de pessoas de 15 anos ou mais) no Município de Rio Claro-SP.....                     | 25 |
| 4.3 Do processo migratório à caracterização dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel.....                              | 28 |
| 4.4 Alguns apontamentos dos questionários analisados: trajetórias migratórias e escolares de educandos da EJA..... | 31 |
| 5 NARRATIVAS DE MIGRANTES.....                                                                                     | 40 |
| 5.1 Entrevistada: Márcia.....                                                                                      | 40 |
| 5.2 Entrevistada: Ana Clara.....                                                                                   | 46 |
| 5.3 Entrevistada: Alicia.....                                                                                      | 53 |
| 5.4 Atividade Coletiva com educandas do PEJA.....                                                                  | 57 |
| 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....                                                                                       | 60 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                                                    | 63 |
| APÊNDICE.....                                                                                                      | 67 |

*Prezado leitor, Prezada leitora,*

*Neste pequeno relato apresento as motivações para a realização dessa monografia, ou melhor, o porquê da temática escolhida. Vamos a ela/s...*

*Em 2008, fazia um ano que residia em Rio Claro-SP, cursava o segundo ano de graduação, e passei a conciliar os estudos com o trabalho de Técnica em Nutrição que comecei a exercer na prefeitura desse município. Mudara de Botucatu-SP com o objetivo de cursar a graduação que escolhera, mas por surpresas da vida comecei a trabalhar, a atividade consumia várias horas do dia, mas por outro lado, como estudante de Geografia, me permitiu transitar pelo município de Rio Claro, observando suas paisagens, conhecendo um pouco de sua história e de sua gente. Até então, conhecera apenas o bairro onde está a universidade.*

*Com esse emprego, visitava as escolas públicas, projetos e creches, desde as instaladas em áreas centrais até as instaladas nas periferias, distritos e área rural. Foi atravessando a rodovia Washington Luiz, passando o rio Corumbataí (barreiras geográficas) para fiscalizar a alimentação de uma escola que conheci os bairros Bonsucesso e Novo Wenzel.*

*Já no início do ano seguinte, 2009, após quase doze meses de atividades como Técnica, deixei a profissão e voltei a dedicar-me integralmente aos estudos. Foi nesse mesmo ano que conheci o Projeto de Educação de Jovens e Adultos: práticas e desafios (PEJA) <sup>1</sup>, projeto de extensão universitária. Logo na primeira reunião que participei, fiquei sabendo que uma das turmas de educação de adultos do projeto acontecia no bairro Bonsucesso, e foi para lá que decidi ir.*

*Curiosa e com receio do que me aguardava, fui para o primeiro encontro com os moradores do local que tanto me chamara atenção pelo seu isolamento do restante da cidade e pelo quadro social expresso em sua paisagem. Depois do primeiro, veio o segundo encontro e muito outros, com isso passaram-se quatro anos. Pelas angústias de quando algo não sai como esperado nas atividades construídas com os educandos e das alegrias da prática pedagógica desafiadora e reflexiva que a atuação no projeto me proporcionou, não poderia deixar de surgir dele o trabalho aqui apresentado.*

---

<sup>1</sup> O Projeto de Extensão Universitária de Educação de Pessoas Jovens e Adultas: práticas e desafios têm propiciado um contato privilegiado com pessoas pouco escolarizadas e suas práticas sociais, culturais, de leitura e de escrita. Tendo como objetivos: desenvolver atividades de ensino para pessoas com escolaridade incompleta; promover a formação de educadores entre alunos de graduação; e gerar conhecimentos no campo da educação de jovens e adultos, estreitando laços entre ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais na universidade pública.

*A turma do bairro é atualmente formada por mulheres que não são naturais da cidade e que, portanto, passaram pela experiência da migração. Na turma tenho observado a presença de elementos do regional, seja nas falas, ou nos costumes das educandas. Esse vasto universo cultural presente na turma do PEJA, abriga histórias de migração e memórias das transformações espaciais. Assim, nos inúmeros encontros essas histórias suscitaram indagações, dentre elas: O que essas pessoas apontam como motivos que as levaram a migrar? E outras mais, que serão apresentadas ao longo desse trabalho, que se propõe a apresentar as narrativas da experiência migratória de adultos pouco escolarizados e demais desdobramentos da pesquisa presentes no corpo do trabalho incorporados devido ao financiamento obtido junto a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na modalidade bolsa de Iniciação Científica (vigente de março a dezembro de 2012), pós entrega do projeto.*

*Boa leitura!*

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema as narrativas da experiência migratória de pessoas pouco escolarizadas, hoje residentes na cidade de Rio Claro-SP<sup>2</sup>. Assim, essa monografia norteou-se por dois eixos de ação: a) o levantamento de elementos que remetessem a experiências migratórias<sup>3</sup> (experiência: remete à constituição de subjetividades no processo de migração relatadas por pessoas migrantes); b) tomar como objeto de estudo os relatos sobre as práticas culturais, particularizando as de leitura e escrita, efetivadas por pessoas migrantes pouco escolarizadas, que se encontram em salas de EJA.

Em busca de elementos que configurassem experiências migratórias, algumas questões postas para pesquisa foram: O que as pessoas apontam como motivos que as levaram a migrar? Podemos considerar a hipótese de que pessoas migrantes indiquem em suas narrativas que a busca por educação está entre alguns dos motivos que levaram a migrar? O que as narrativas do e no espaço (CERTEAU, 1996) nos dizem a respeito dos lugares por onde as pessoas migrantes circulam atualmente? Ou seja, quais são seus usos do espaço urbano de Rio Claro? Sobre as condições de vida (materiais, bens e serviços, culturais) o que as pessoas migrantes têm a dizer com relação ao lugar de origem e sobre o “novo” ambiente? Focar as suas práticas de ler e escrever, que contribuições poderiam trazer para uma análise das experiências migratórias? Poderiam as práticas de leitura e de escrita mediar às relações entre seu local de origem e o novo ambiente? Ao abordar as práticas culturais, particularizando a leitura e a escrita, é possível detectar elementos que indiquem a experiência migratória?

Tais indagações integram migração e educação de jovens e adultos. E aliam-se também à necessidade de conhecer as histórias de sujeitos atuantes no processo histórico de transformação da paisagem, cujos relatos são experiências de espaços vividos. Esse trabalho tentou responder a esses questionamentos, pois as informações que balizam essas questões são bastante restritas, quase inexistentes. Para além da relevância de dados quantitativos, a proposição desse estudo foi abordar a experiência migratória pela perspectiva das pessoas migrantes.

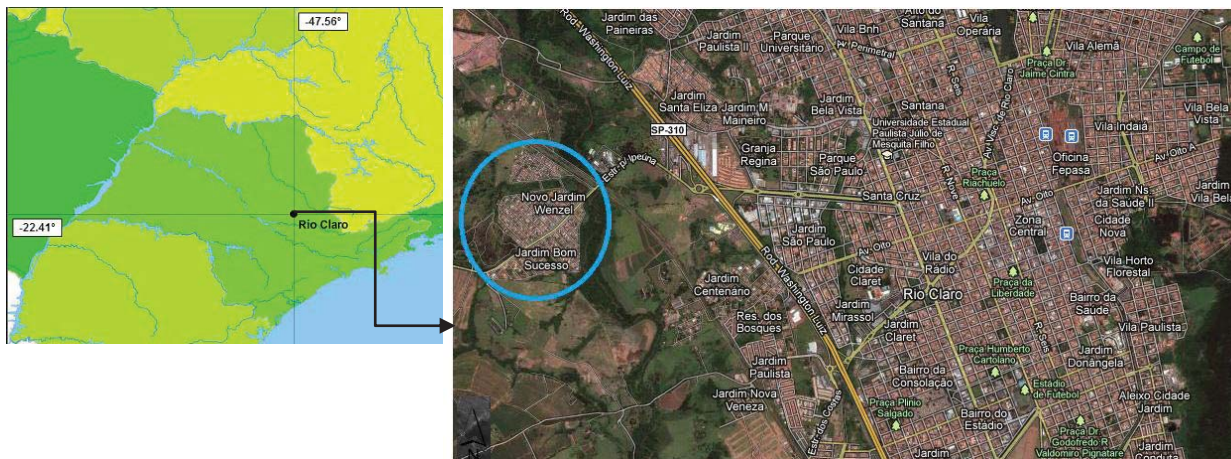
Pode-se perceber que pessoas migrantes, hoje residentes nos bairros periféricos Bonsucesso e Novo Wenzel de Rio Claro-SP (Figura 1), realizaram travessias pelo território

---

<sup>2</sup> Rio Claro-SP está localizada a 157,9 km da capital no Centro-Leste do estado.

<sup>3</sup> Entendida aqui conforme Thomson (2002) não apenas no âmbito da experiência do deslocamento de um lugar para o outro, mas como uma “experiência migratória [que] abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes”. (2002, p.342-3)

nacional, ultrapassaram fronteiras e se defrontaram com novos espaços, trazendo consigo seus hábitos culturais e memórias do local de origem.



**Figura 1:** Localização da cidade de Rio Claro e vista aérea parcial. O círculo azul indica os Bairros Bonsucesso e Novo Wenzel. Fonte: IBGE e GoogleMaps, 2012.

Assim, as turmas de EJA das escolas dos bairros abrigam um universo cultural preñado de histórias de migração, memórias das transformações espaciais e culturais expressas na vida dessas pessoas que migraram, sujeitos da experiência, que se dão a conhecer por meio da oralidade. Conforme Certeau & Giard (1996):

A oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber. O intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos, marcados pela inspiração e pelas paixões, toda uma hierarquia de informações complementares, necessárias para interpretar uma mensagem além do simples enunciado – rituais de mensagem e de saudação, registros de expressão escolhidos, nuances acrescentadas pela entonação e pelos movimentos do rosto (CERTEAU; GIARD, 1996, p. 336).

Da ideia de que o espaço do novo ambiente, referindo-se particularmente ao bairro onde residem, pode ser construído a partir de elementos culturais transpostos do local de origem, que marcas essas pessoas indiciam que trazem à tona o lugar de origem? Existem elementos na paisagem do bairro que trazem lembranças da terra natal? Que elementos seriam esses? Essas últimas indagações somaram-se as primeiras e nortearam essa pesquisa que, portanto, teve como objetivos: 1) Levantar e analisar os motivos que levaram à migração e qual a participação da busca pelo acesso a escolarização, na decisão de migrar; 2) Rastrear as práticas de leitura e escrita e analisá-las no que diz respeito à experiência migrante, entendendo *experiência* como constituição de subjetividades, no processo de migração,

decorrentes dos deslocamentos pelo país; 3) Buscar compreender, por meio da análise das narrativas de pessoas migrantes, os desdobramentos culturais e educacionais gerados pelas relações estabelecidas entre o local de residência atual e memórias do local de origem, e que contribuições a análise pode apontar para as condições de ser migrante e para o campo da educação de pessoas jovens e adultas.

Norteando-se por tais objetivos, a metodologia empregada foi quanti-qualitativa. Num primeiro momento utilizou-se informações sobre o local de nascimento de educandos da EJA de duas escolas municipais, localizadas nos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel, de Rio Claro-SP e a partir delas foram elaborados mapas dos locais de origem dos educandos. Após análise desses questionários alguns educandos foram convidados para uma entrevista sobre a experiência migratória e a metodologia empregada foi a História Oral. Como a proposta dessa pesquisa foi delineada pela atuação como aluna bolsista de extensão do PEJA (março a dezembro de 2011), nele foi realizada uma atividade coletiva com as educandas e registros da paisagem do bairro com uma das entrevistadas (participante do PEJA e da EJA). Tais procedimentos serão especificados no item Caminho Metodológico. Assim, apresentam-se inicialmente os Pressupostos Teóricos que embasaram esse estudo, seguido pelo já referido Caminho Metodológico, as Trajetórias escolares e migratórias de educandos da EJA, as Narrativas de migrantes e Algumas Considerações.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Norteando-se pelos objetivos propostos apresentam-se os aportes teóricos que referendaram essa pesquisa.

### 2.1 Alguns apontamentos sobre narrativa, experiência e memória

O que é a narrativa? Segundo Benjamin (1987) a narrativa é uma forma artesanal de comunicação. “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p.205).

Sobre narrativas da experiência migratória, Beiro (2009) em sua dissertação de mestrado, apresenta a narrativa de mulheres que migraram na segunda metade do século XX, refletindo sobre as representações do espaço vivido, registrando as narrativas das mudanças sociais, econômicas e espaciais em curso no Brasil presentes nas falas de mulheres migrantes. A perspectiva é da geografia humanística e cultural, abordando memória e experiências migratórias. Seu trabalho foi uma importante referência para a elaboração dessa monografia.

As narrativas aqui apresentadas são marcadas pelas peculiaridades regionais, são lembranças, *fragmentos de memória*, que vão sendo resignificados pela consciência atual conforme apresenta Bosi (1994):

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55)

Essas narrativas de migrantes revelam suas histórias e trajetórias pelo país, os fatores que contribuem para a migração, além do imaginário sobre local de destino, pois:

Embora as pressões econômicas freqüentemente influenciem as decisões da migração, o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores que contribuem para a migração e para os processos de troca de informações e negociações no interior das famílias e das redes sociais. (THOMSON, 2002, p. 345)

O caminho metodológico, que permite conhecer essas experiências de pessoas simples, é o da história oral, uma vez que:

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (FREITAS, 2002, p.50)

Esclarecer adequadamente, minuciosamente, os objetivos da pesquisa às entrevistadas foi imprescindível, haja vista que, segundo Bosi (2003) o vínculo entre entrevistado e entrevistador é de suma importância, pois “da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista”.

Se não for assim, a entrevista teria algo de semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro. [...] Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. (BOSI, 2003, p.60-61)

Sobre as experiências Bondía (2002) chama-nos a atenção para a sua singularidade, ou seja, em um acontecimento, em uma travessia migratória em família, a experiência não é a mesma para todos os sujeitos migrantes, pois:

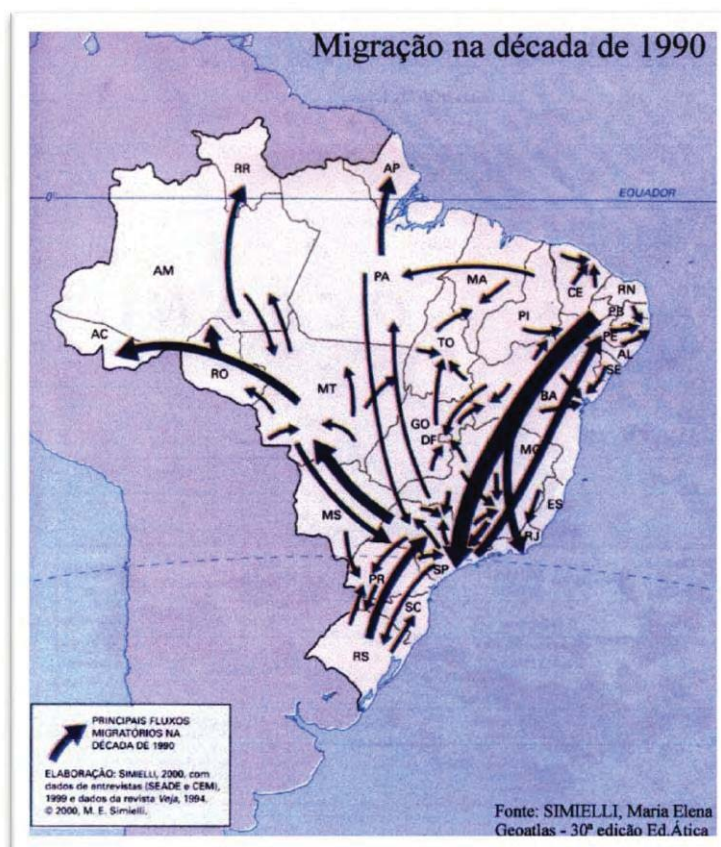
Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (BONDIA, 2002, p.27).

Da singularidade da experiência são constitutivos: a percepção dos fenômenos, a memória e as leituras de mundo. A percepção dos fenômenos, na medida em que exige uma relação entre o mundo concebido e o percebido, relação esta que é mediada pelo corpo, ou seja, trata-se de uma forma da consciência humana relacionar-se com as coisas e os fatos vividos, como realidades qualitativas, como aponta Chauí (1995).

Quanto à memória, para Meneses (2004, p.91) “a memória é uma construção social em uma operação ideológica que estrutura imagens e que organiza simbolicamente as relações sociais e seus produtos materiais, produzindo, nesse processo, legitimações”. O passado reflete na situação atual sendo essencial para explicar o presente. Assim, da dimensão da memória, de fragmentos da memória, fundamenta-se que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” como aponta Bosi (1994, p.55).

Segundo Pollack (1992, p.5) “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. Tal identidade pode despertar o sentimento de pertencimento a um grupo; a um

lugar. E o migrante é considerado o de fora, o que pertence a outro espaço. Gonçalves (2010) trata da migração pelo viés das identidades territoriais que marcam as imagens pessoais, ou seja, “tornou-se ‘nordestino’, não no Nordeste, mas em São Paulo” (GONÇALVES, 2010, p. 37). Em seu trabalho a autora interroga o leitor acerca da observação de um mapa de fluxo migratório interno no Brasil (Figura 2):



**Figura 2:** Mapa de um atlas escolar, que traz como título: “Migração na década de 1990 no Brasil”. **Fonte:** Simielli (2000) apud Gonçalves (2010).

Onde está o imigrante nesta imagem? Eles estão/são estas flechas. O que vemos é efeito de um biopoder que esquadrinha o tempo, o espaço, os movimentos e, dissolve qualquer individualidade num corpo-espécie: a população migrante. A imagem da seta congela o imigrante na marcha, na circulação, deixando-o entregue à condição de passageiro, transitório, de provisoriedade. Assim como uma seta num mapa, o imigrante é frequentemente transformado em uma porcentagem numa tabela, uma reta num gráfico, um coluna/barras num quadro, um número num censo. São formas que tornam a migração um fenômeno invisível e o imigrante sem rosto e sem lugar (GONÇALVES, 2010, p.32).

Apresentamos neste trabalho uma tabela com informações migratórias, mas para além dessas informações, o objetivo é que os migrantes tenham “rosto”. Partindo da ideia de que os sujeitos são atuantes nos processos históricos, seres em metamorfose e contribuintes para as metamorfoses

espaciais, suas falas, relatos de experiências, ganham importância neste trabalho, considerando que “todo relato é um relato de viagem- uma prática do espaço”. (CERTEAU, 1994, p.200).

## 2.2 Sobre a paisagem, a percepção e o lugar

Tratando-se da experiência migrante, essa por sua vez espacial, é relevante definir os conceitos de paisagem e lugar. Para Collot (1990, p.27) “a paisagem se define como espaço ao alcance do olhar, mas também à disposição do corpo; ela se reveste de significados ligados a todos os comportamentos possíveis do sujeito”. Assim, na paisagem imprimem-se os processos de transformação cultural e sua leitura é dada no campo da subjetividade, na percepção. Da relação do homem com o espaço, seus sentimentos e percepções, Tuan (1980) propõe que o estudo dos “meios pelos quais os seres humanos respondem ao ambiente podem variar desde a apreciação visual e estética até o contato corporal; as relações de saúde, familiaridade e conhecimento do passado para com a topofilia” (TUAN, 1980, p. 106). O termo topofilia é definido pelo autor como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). E acrescenta:

O fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar [...] que certos meios ambientes possuem irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e idéias. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 1980, p.129).

Sobre o conceito de lugar para Carlos (1996):

[...] a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos. (1996, p. 17)

A autora ainda acrescenta a concepção de lugar no plano da experiência, do vivido, das práticas cotidianas; pensar o lugar: “significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios” (CARLOS, 1996, p.20). Maia (2010) em sua dissertação de mestrado

parte da hipótese de que a cultura <sup>4</sup> do espaço de origem de trabalhadores do norte do estado Minas Gerais, que atualmente residem em Rio Claro, é um dos principais elementos estruturadores do espaço urbano. O pesquisador teve contato cotidiano com os migrantes durante quatro anos e para ele “a migração proporciona um novo cenário (urbano) para o homem norte mineiro, constituindo não apenas uma simples mudança de ‘palco’, mas correspondendo a um ato que proporciona um (re)arranjo em todas as suas categorias de entendimento da realidade” (MAIA, 2010, p.20).

Os relatos de migrantes são importantes para a compreensão de outros elementos que se interligam as questões econômicas que resultam em migração; uma vez que, além delas, há uma rede de relações e de variados fatores que influenciam na decisão de migrar, foram levantados, portanto, esses fatores que vêm sendo revelados pelo testemunho pessoal, por exemplo, “as narrativas dos migrantes evocam os imaginários culturais sobre os futuros locais de destino e exemplificam como estes imaginários são produzidos, disseminados, recebidos e usados” (THOMSON, 2002, p. 345).

### **2.3 Ler e escrever como práticas culturais**

Em se tratando de mulheres pouco escolarizadas frequentadoras do EJA e do PEJA, suas práticas de ler e escrever tornam-se relevantes, uma vez que revelam ações tidas como restritas a pessoas pouco escolarizadas. Assim, o ler e o escrever serão considerados como práticas culturais, além de manifestações culturais, como festas e músicas. No entanto optou-se por destacar as práticas de ler e escrever. Sobre as práticas de leitura e escrita, entre pessoas pouco escolarizadas, referenciam-se nos estudos sobre o ato de escrever, na perspectiva de sua permanente metamorfose e de metamorfose de quem escreve e/ou lê, fundada na auto-interpretação, que podem ser lidas particularmente nas cartas, diários, cadernos pessoais; estes são materiais que dão suporte e configuram práticas da escrita, por pessoas comuns (CERTEAU 1996). Cabe citar as seguintes pesquisas já desenvolvidas (CAMARGO 2000; CAMARGO e AGUIAR 2004), nas quais delineou-se como objetivo norteador a busca da compreensão do ato de escrever na relação direta com a pessoa que escreve. São trabalhos ancorados na abordagem da história cultural (CHARTIER 1990; CERTEAU 1996), e nos estudos da linguagem (BAKHTIN, 2003). Trabalhos dessa natureza deram suporte para pensarmos a escrita e a leitura da população que migrou na interface de suas relações: com o espaço de residência

---

<sup>4</sup> Um dos entendimentos de cultura é que (...) resulta na capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. (WAGNER & MIKESELL, In: Introdução a Geografia Cultural p.28)

atual e com o antigo lugar de morada. A tese de doutorado de Camargo (2000) cuja construção do objeto de estudo compôs-se pela leitura de cartas publicadas, chegou às cartas escritas por pessoas comuns, que pode referenciar reflexões das inúmeras cartas que ainda nos dias atuais circulam pelos correios<sup>5</sup>, nos deu suporte para investigar as práticas de leitura e escrita de cartas que são enviadas e recebidas pelos migrantes.

Em *O ato de escrever: fronteiras entre o saber e o não saber* (CAMARGO, 2002) a autora escreve sobre as cartas trocadas (escritas, ditadas, recebidas) por pessoas pouco escolarizadas, portanto, com habilidades de escrita bastante restritas. Um farto material desse tipo é encontrado no PEJA- UNESP/ Rio Claro.

A dissertação de mestrado de Araújo (2006); Surian (2009), no campo da educação foram importantes referências para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que focalizam a educação de jovens e adultos e algumas de suas práticas culturais.

Alguns dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE- indicam a condição de pessoas jovens e adultas que ficaram à margem da escolarização formal no período regular previsto. O universo de dados de 1996 a 2006<sup>6</sup> sobre essa temática foi aprofundada em análises críticas por Ferraro (2008), incluindo-se a relação idade, anos de escolarização e níveis de letramento, revelando uma prospecção da dívida do país para com essas pessoas.

---

<sup>5</sup> Segundo Fausto Weiler, consultor da presidência dos Correios, anualmente 850 milhões de cartas – cartas mesmo, de pessoa física para pessoa física – passam pelos correios. Esse número corresponde a 10% do que chamam de objetos postais, que são contas, encomendas e malas-diretas enviados e recebidos no Brasil. Há mais de 10 anos essa porcentagem se mantém mas os números crescem progressivamente. Texto de Marianne Piemonte publicado no jornal *Folha de S. Paulo* em 27 de maio de 2007, C13.

<sup>6</sup> No Brasil, o analfabetismo atinge 14,4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais e está concentrado nas camadas mais pobres, nas áreas rurais, especialmente do Nordeste, entre os mais idosos, de cor preta e parda. É importante notar que, entre 1996 e 2006, o percentual de jovens de 15 a 24 anos analfabetos reduziu-se chegando a 5,8%. Os cursos de alfabetização e de EJA (supletivos fundamental e médio) atenderam, em 2006, cerca de 2,5 milhões de pessoas com idade superior a 15 anos, das quais aproximadamente 40% residiam no Sudeste. A maior frequência é no supletivo fundamental (35,8%), seguida pelo supletivo do ensino médio (33,3%) e, por último, pela alfabetização de adultos (30,9%). *Síntese dos Indicadores Sociais 2007 que abrange de 1996 a 2006*. Dados conferidos em 04 de junho de 2012 e disponíveis em [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=987](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=987).

### 3 O CAMINHO METODOLÓGICO

De abordagem quanti-qualitativa e as metodologias empregadas foram:

**1-Análise de Questionário:** A partir de informações levantadas, no ano 2011, na pesquisa *A aventura da escrita por pessoas em salas de EJA como objeto de formação para professores (em EJA): por entre práticas culturais, saberes e linguagens*<sup>7</sup>, que em sua etapa inicial coletou dados de educandos de EJA das escolas dos bairros foco deste estudo, por meio de questionário, levantando informações identitárias, das trajetórias escolares, da ocupação profissional e das práticas de escrita e leitura dos educandos, foi possível observar um número significativo de migrantes. Assim, foram elaborados mapas do local de origem dos 36 educandos que participaram da pesquisa. Cabe destacar que o presente trabalho aborda apenas o local de nascimento dos educandos, ressaltando a necessidade de considerar essa característica como relevante nas turmas de EJA das escolas pesquisadas. A partir da verificação das seguintes informações de local de origem e práticas de leitura e escrita (por exemplo, educandos que responderam que enviam cartas, leem com frequência) presentes nos questionários foi realizado um convite a dez educandos para participarem da segunda etapa da pesquisa, ou seja, uma entrevista com a temática migração e práticas de ler e escrever, dos dez educandos contatados foi possível realizar a entrevista com apenas duas educandas.

**2-História Oral:** Entendida conforme Freitas (2002, p.18): “História oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Através dela, foram registradas as narrativas sobre o espaço de origem dos migrantes; bem como acerca do processo migratório e a relação com o acesso à escolarização. Foram, portanto, realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais (APÊNDICE) com três educandas migrante de classes de EJA de uma escola, sendo que uma delas não havia respondido ao questionário. Cabe destacar que foram elaboradas 25 questões para a entrevista, sendo que durante a realização das mesmas outras mais foram incorporadas de acordo com os temas que emergiram nas narrativas. Realizou-se

---

<sup>7</sup> O Projeto de Pesquisa *A aventura da escrita por pessoas em salas de EJA como objeto de formação para professores (em EJA): por entre práticas culturais, saberes e linguagens* é coordenado por Maria Rosa R. M. de Camargo, tem por objetivos: a) rastrear e analisar objetos materiais que são suportes de práticas da escrita e da leitura produzidos por pessoas adultas pouco escolarizadas; b) buscar compreender o que move a escrita e a leitura, entendendo-as como propulsoras dos significados construídos e modificados, no e do próprio ato de escrever pelos sujeitos envolvidos; c) levantar indicadores que possam contribuir para as questões que interpenetram os conceitos de práticas sociais de escrita e leitura, realizadas por pessoas de pouca escolarização, focalizando-as junto com os professores, como fundadoras dos processos pedagógicos em salas de EJA. O Projeto encontra-se em andamento (2011-2012), vem sendo desenvolvido em duas escolas públicas municipais de Rio Claro, SP, e conta com financiamento do **CNPq – Processo 401263/2010**.

também uma atividade ou entrevista coletiva com seis educandas do PEJA com perguntas sobre a experiência migratória vivenciada. As entrevistas foram gravadas, com o devido consentimento das envolvidas e tiveram duração de 25 a 50 minutos aproximadamente.

**3-Passeio pelos bairros (ou entrevista caminhante):** Foi realizado um passeio individual com uma das educandas entrevistadas pelo bairro de residência. Registrando em gravação de vídeo as imagens das paisagens do bairro e as relações dessas com o local de nascimento.

**4-Revisão Bibliográfica:** Realizou-se uma revisão bibliográfica, por meio do levantamento de estudos que abordavam temas inerentes a essa pesquisa.

**5-Caderno de registro:** Foram anotadas no caderno de registro as reflexões ao longo do desenvolvimento dessa monografia.

## **Migração**

*(Composição: Magnu Sousa e Maurilio Oliveira)*

Ele é migrador  
Um retirante vindo de lá do sertão  
Andou muitas léguas a pé  
Perdeu seu filho gado, cachorro e a mulher  
Estrada seca encontrou  
E a fé sempre prosperou  
Na esperança ao menos de algum caminhão

Chegou na cidade grande  
Sem emprego e proteção  
Estranhou a diferença  
Que existia no sertão

Tanta adversidade, nesta terra de patrão  
Tanto orgulho e vaidade para um pobre cidadão  
Simbora ele vai outra vez pro sertão ....

Se arreia num carro de boi  
Dispara dentro do sertão  
E a boi vai fria num baião de dois  
Pimenta virada no cão  
Farinha pra mó de estufar  
E a água encontra se deus mandar

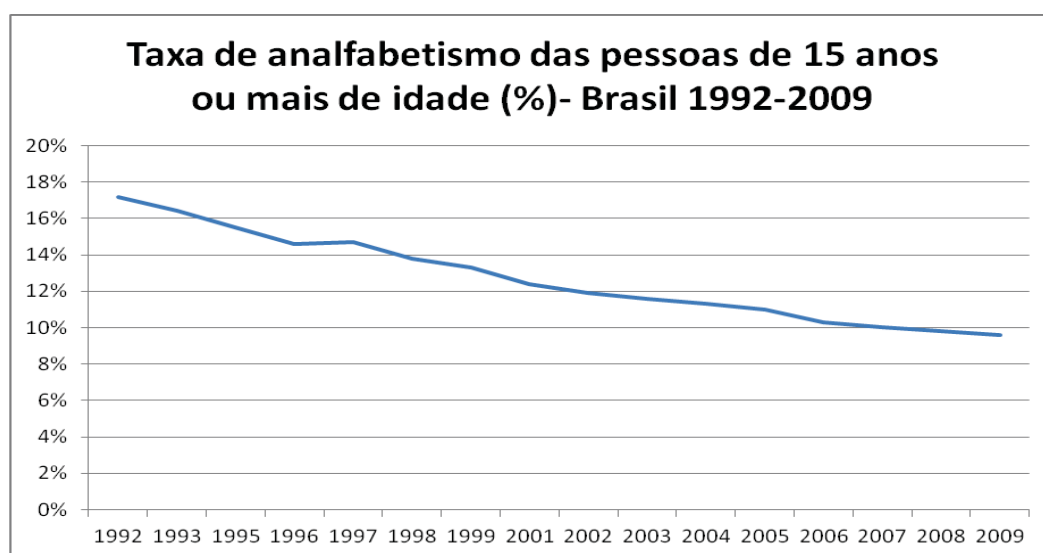
## 4 TRAJETÓRIAS ESCOLARES E MIGRATÓRIAS DE EDUCANDOS DA EJA

A fim de conhecer o quadro nacional de analfabetismo e da EJA, buscou-se algumas informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que serão apresentados num primeiro tópico. Quanto ao município de Rio Claro também foram levantadas informações sobre analfabetismo, que referendam a necessidade da EJA, e sobre migração. Em seguida apresentam-se os processos migratórios e os bairros Bonsucesso e Novo Wenzel e por último a uma breve análise dos questionários aplicados a educandos da EJA.

### 4.1 Alguns dados sobre o Analfabetismo e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil

As informações a seguir objetivam apresentar alguns dados do IBGE acerca da EJA e do analfabetismo no Brasil.

Os índices apresentados aqui são de pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto. O gráfico a seguir (Figura 3) apresenta as taxas de analfabetismo<sup>8</sup> de 1992 a 2009 entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade. Nota-se que a taxa caiu 7,6 pontos percentuais do primeiro para o último ano analisado, cujos valores eram 17,20% e 9,60% respectivamente.



**Figura 3:** Taxa de analfabetismo Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Síntese de Indicadores 2009-IBGE. Organização: Ventura, 2012.

<sup>8</sup> Taxa de analfabetismo - percentagem das pessoas analfabetas de um grupo etário, em relação ao total de pessoas do mesmo grupo etário. Analfabeta - pessoa que não sabe ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhece (IBGE).

Dados do último censo demográfico do Brasil, realizado em 2010, revelam que o nível de instrução da população aumentou<sup>9</sup>, no entanto, o percentual de pessoas sem instrução ou com o fundamental incompleto ainda é de 50,2% da população de 10 anos ou mais de idade<sup>10</sup> e a taxa de analfabetismo ainda é de 9,6% para as pessoas de 15 anos ou mais de idade. Os dados apontam para diferenças por categoria de cor e raça, pois os pretos e pardos, desse grupo etário, apresentaram percentuais de analfabetos de 14,4% e 13,0%, respectivamente, contra 5,9% dos brancos. São no total 13.933.173 pessoas que não sabiam ler ou escrever, sendo que 39,2% desse contingente eram de idosos<sup>11</sup> (IBGE, 2011).

Quanto à taxa de analfabetismo por local de residência, ou seja, área urbana e rural, o indicador apontou 7,3% da população urbana e 23,2% da rural de 15 anos ou mais de idade analfabeta. Entre os homens a taxa é de 9,9% e entre as mulheres é de 9,3% (IBGE, 2011).

Conforme a Tabela 1 o número de pessoas que frequentavam, em 2010, o Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos é de 915.959 no Brasil. No estado de São Paulo eram 165.406 pessoas e no município de Rio Claro 335 pessoas.

---

<sup>9</sup> Na população de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução, de 2000 para 2010, o percentual de pessoas sem instrução ou com o fundamental incompleto caiu de 65,1% para 50,2% Fonte: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2017&id\\_pagina=](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2017&id_pagina=)>

<sup>10</sup> “Entre as pessoas de 10 anos ou mais de idade sem rendimento ou com rendimento mensal domiciliar per capita de até ¼ do salário mínimo, a taxa de analfabetismo atingiu 17,5%, ao passo que na classe que vivia com 5 ou mais salários mínimos foi de apenas 0,3%.”(IBGE- Resultados do Censo demográfico de 2010).

<sup>11</sup> Na faixa entre 15 e 19 anos, a taxa de analfabetismo é de 2,2%. No entanto, entre as pessoas de 65 anos ou mais, a taxa alcançou 29,4% em 2010, valor bem elevado. (IBGE, 2011)

**Tabela 1:** Pessoas que frequentavam escola ou creche, por curso que frequentavam - Resultados Gerais da Amostra. Ano 2010

| Curso que frequentavam                                   | Variável                                            |                                                        |
|----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
|                                                          | Pessoas que frequentavam escola ou creche (Pessoas) | Pessoas que frequentavam escola ou creche (Percentual) |
| Total                                                    | 59.565.188                                          | 100,00                                                 |
| Creche                                                   | 2.221.953                                           | 3,73                                                   |
| Pré-escolar                                              | 5.125.603                                           | 8,61                                                   |
| Classe de alfabetização                                  | 2.834.222                                           | 4,76                                                   |
| Alfabetização de jovens e adultos                        | 915.959                                             | 1,54                                                   |
| Fundamental                                              | 30.748.913                                          | 51,62                                                  |
| Médio                                                    | 10.599.372                                          | 17,79                                                  |
| Superior de graduação                                    | 6.197.318                                           | 10,40                                                  |
| Especialização de nível superior, mestrado ou doutorado. | 921.847                                             | 1,55                                                   |

**Fonte:** Dados dos Resultados Gerais da Amostra. Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010.

Os dados apontam para queda no índice de pessoas não alfabetizadas, mas também revelam ainda a necessidade da EJA. Assim, como aponta Arroyo (2006), jovens e adultos pouco escolarizados são sujeitos de direitos, como o direito a educação de qualidade. Para ele o nome EJA oculta às identidades coletivas, pois esses jovens e adultos são populares. É necessário reconhecer como apresentado por Paulo Freire em seus escritos que jovens e adultos carregam experiências opressoras e também saberes e conhecimentos a serem problematizados na educação com vista à emancipação.

#### **4.2 Migração e Analfabetismo (de pessoas de 15 anos ou mais) no Município de Rio Claro-SP**

Segundo o censo de 2010 (IBGE), Rio Claro possui 186.253 habitantes, dos quais 70.085 não são naturais do município e desse valor, 29.479 nasceram em outros estados do país. (Tabela 2)

**Tabela 2:** Número de pessoas residente em Rio Claro segundo naturalidade:

|                                          |         |
|------------------------------------------|---------|
| Naturais do município                    | 116.168 |
| Não naturais do Município                | 70.085  |
| Não naturais, nascidos em outros Estados | 29.479  |

**Fonte:** IBGE – Censo Demográfico 2010. Organização: Ventura, 2012.

Quanto ao tempo de residência das pessoas não naturais do estado de São Paulo, a grande maioria, 19.905 pessoas, vivem de 10 ou mais anos no estado. Isso indicar o potencial de atração de contingentes populacionais para o estado e para o município de Rio Claro. É possível notar, conforme a Tabela 3, que a cidade de Rio Claro continua a receber pessoas oriundas de outros estados, porém em menor quantidade.

**Tabela 3:** Pessoas atualmente residentes em Rio Claro, não naturais do Estado de São Paulo, por tempo ininterrupto de residência no Estado.

|                    |        |
|--------------------|--------|
| Menos de 1 ano     | 1.662  |
| De 1 a 2 anos      | 2.989  |
| De 3 a 5 anos      | 2.275  |
| De 6 a 9 anos      | 2.648  |
| De 10 anos ou mais | 19.905 |
| TOTAL              | 29.479 |

**Fonte:** IBGE - Censo Demográfico 2010 Organização: Ventura, 2012.

Se considerarmos que parcela dessa população migrante não esteve na escola na idade regular ou que não tenha terminado a escolarização básica e ingresse em turmas de EJA, torna-se importante considerarmos no ensino a diversidade de manifestações culturais sobreviventes a indústria cultural – midiática – padronizadora. Portanto, abordar migração remete às desigualdades regionais, às transformações no espaço rural brasileiro e nas cidades e pode significar, também, falar sobre preconceitos, como aponta Gonçalves (2010):

[...] as pessoas podem ser estigmatizadas por habitarem uma dada região da cidade ou do país: habitar o morro ou a Zona Norte no Rio de Janeiro ou em Natal é ser marcado pelo estigma e preconceito. Morar na Zona Leste de São Paulo, nas periferias ou conjuntos habitacionais populares em geral segregados dos centros das cidades por rodovias, é carregar estigmas. Viver nas cidades satélites de Brasília é ser visto com desconfiança. Para todos estes, é ainda conviver com a possível suspeição de que seu lugar de origem ou seu “verdadeiro lugar” é em algum dos “cantões do nordeste” brasileiro, como se isso lhe fosse demérito e um ônus que

precisa livrar-se através da anulação de si, frente a formas assimilativas quanto à cultura e adaptativas quanto ao meio (território) do soberano. (GONÇALVES, 2010, p.87-88)

Cabe destacar a necessidade de se tratar a temática migração (seus aspectos econômicos, socioculturais e ambientais) num viés interdisciplinar, uma vez que contempla as diferentes áreas do conhecimento.

Quanto à alfabetização, 3,4 % da população do município de Rio Claro com 15 anos ou mais de idade não é alfabetizada. Da população urbana as pessoas não alfabetizadas correspondem a 3,2 % e da rural 7,3%. (Tabela 4). Ainda hoje a população residente no campo Brasileiro sofre com a ausência de escolas e transporte.

**Tabela 4:** Pessoas de 15 anos ou mais de idade: total, alfabetizadas e não alfabetizadas, por situação do domicílio, Rio Claro- São Paulo - 2010.

| Total   | Situação do domicílio |       | Alfabetizadas |                       |       | Não Alfabetizadas |                       |       |
|---------|-----------------------|-------|---------------|-----------------------|-------|-------------------|-----------------------|-------|
|         | Urbana                | Rural | Total         | Situação do domicílio |       | Total             | Situação do domicílio |       |
|         |                       |       |               | Urbana                | Rural |                   | Urbana                | Rural |
| 149 693 | 146 139               | 3 554 | 144 520       | 141 226               | 3 294 | 5173              | 4913                  | 260   |

**Fonte:** IBGE - Resultados Preliminares do Universo do Censo Demográfico, 2010. Organização: Ventura, 2012.

Há, portanto no município de Rio Claro 5.173 pessoas de 15 anos ou mais de idade não alfabetizada. Assim, deve-se considerar a necessidade da EJA no município. E conforme consta na Ata da reunião da Comissão de Reorientação Curricular da Educação de Jovens e Adultos de Rio Claro, datada de 27 de julho de 2010, “a EJA não pode ser um “BICO” para professores” (fala de uma vice-diretora de escola). Um dos textos sugeridos para leitura dessa Comissão foi *Indagações sobre currículo: educandos e educadores; seus direitos e o currículo*, dele destaco:

A uma das culturas políticas mais segregadoras que parte do pressuposto de que os seres humanos trazem incapacidades mentais de origem, de classe, raça, gênero, território, de deficiência física; que tudo que é povo é inferior e menos capaz até na inteligência. Esta cultura política marcou profundamente a cultura escolar e docente e a lógica curricular. Esse olhar preconceituoso sobre a inteligência do povo está na origem do olhar sobre os educandos populares. Tocamos na relação dos currículos

com o campo dos valores, da política, da poli-ética (um dos campos que interrogam as lógicas e valores do currículo com maior radicalidade): que valores legitimam um ordenamento curricular tão excludente? (ARROYO, 2008, p.34)

Contrária a essa política segregadora deve-se reconhecer a EJA como campo de possibilidades e de potencialidades, ou seja, do encontro da diversidade, encontro de culturas que não são menos que outras.

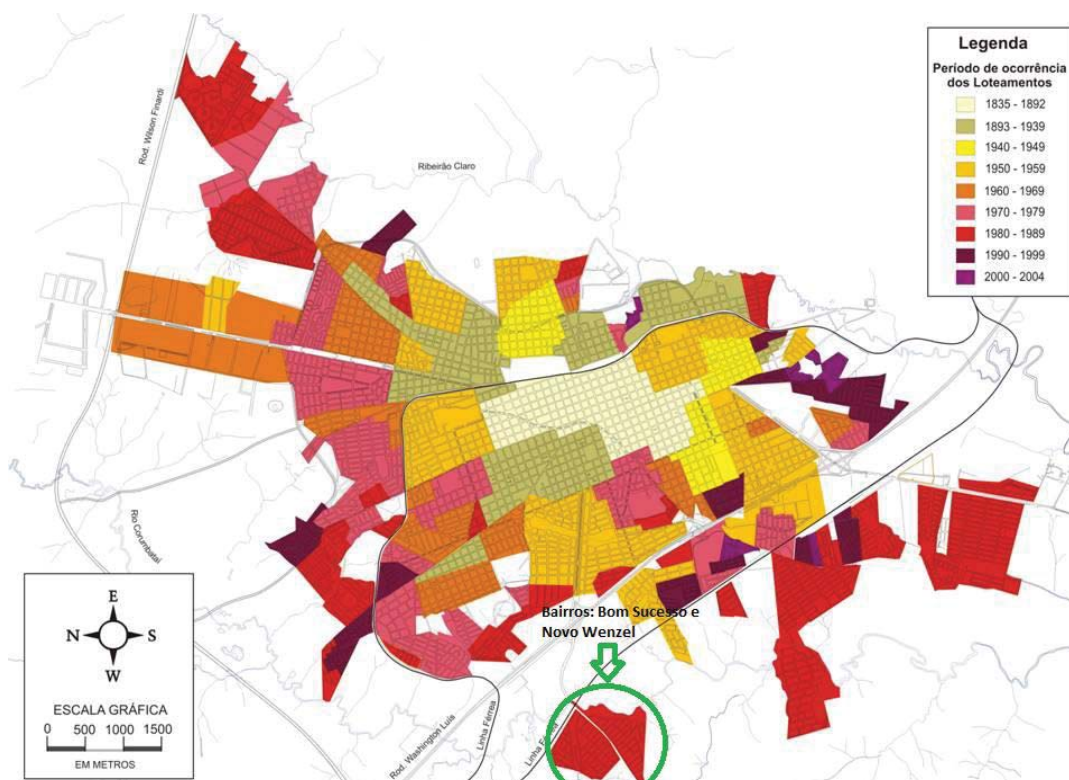
#### **4.3 Do processo migratório à caracterização dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel**

Como nos apresenta Singer (2002), os processos migratórios, inseridos num contexto de mudanças, que têm sua origem no processo de industrialização desigual, criando desigualdades regionais, atua como propulsor de migrações internas. Populações de regiões estagnadas economicamente foram atraídas para regiões industrializadas do Brasil. E distintos tipos de migrações foram condicionados historicamente pela industrialização. Por meio do histórico do processo de industrialização e urbanização, das alterações econômico-territoriais, defende-se que as migrações são mecanismos de redistribuição espacial da população que migra segundo os arranjos espaciais das atividades econômicas. Assim, as populações migrantes provem de áreas em processo de estagnação econômica ou social. A falta de oportunidade de acesso ao sistema de saúde, a trabalho e habitação são alguns dos motivos para a saída na busca por áreas que possam ofertar tais serviços. (SINGER, 2002)

Portanto, processos históricos de crescimento ou declínio de determinadas atividades econômicas (ou seja, as interfaces do desenvolvimento do modo capitalista) geram a concentração espacial das atividades econômicas, em que as empresas se beneficiam da economia de aglomeração, podendo condicionar fluxos migratórios uma vez que estes locais oferecem prováveis oportunidades de emprego. Por outro lado a concentração econômica cria áreas de estagnação que perdem população. (SINGER, 2002).

Decorrente dessa busca por regiões industrializadas, cidades da região sudeste, como São Paulo e cidades do interior do estado de São Paulo, como o município de Rio Claro, receberam inúmeros migrantes, tendo bairros cuja população residente é, em grande parte, oriunda de outros estados. A década de 70 marca a expansão urbano-industrial do município, pois houve aumento no número de população, tanto natural como migrante (COSTA, 1996).

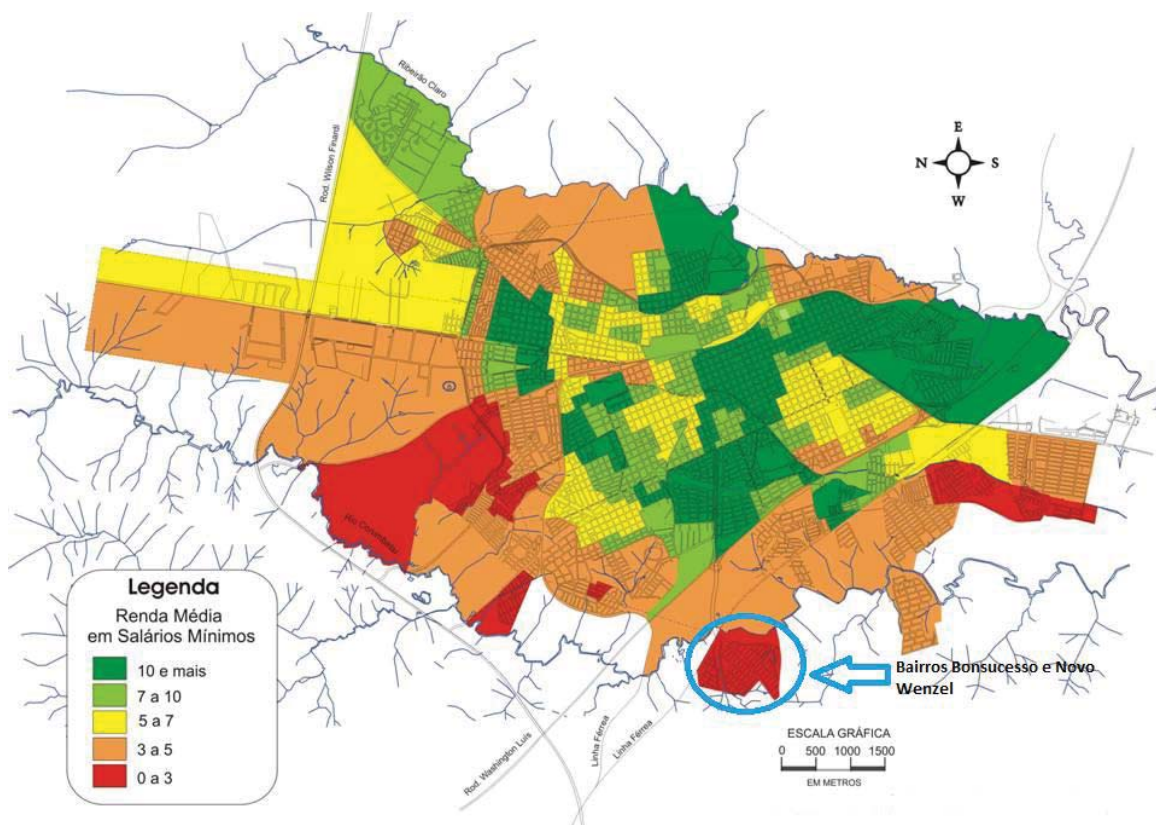
Os bairros periféricos, Jardim Bonsucesso e Jardim Novo Wenzel, que surgiram de loteamentos da década de 1980 (Figura 4) são exemplos na cidade de Rio Claro, de bairros cuja população é em grande parte originária de outros estados.



**Figura 4:** Rio Claro- Evolução de áreas loteada entre 1835 e 2004 - Localização dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel. **Fonte de dados:** Prefeitura do Município de Rio Claro- Plano Diretor – 2008. Organização Carlos S. Pateis adaptado por Ventura, 2012.

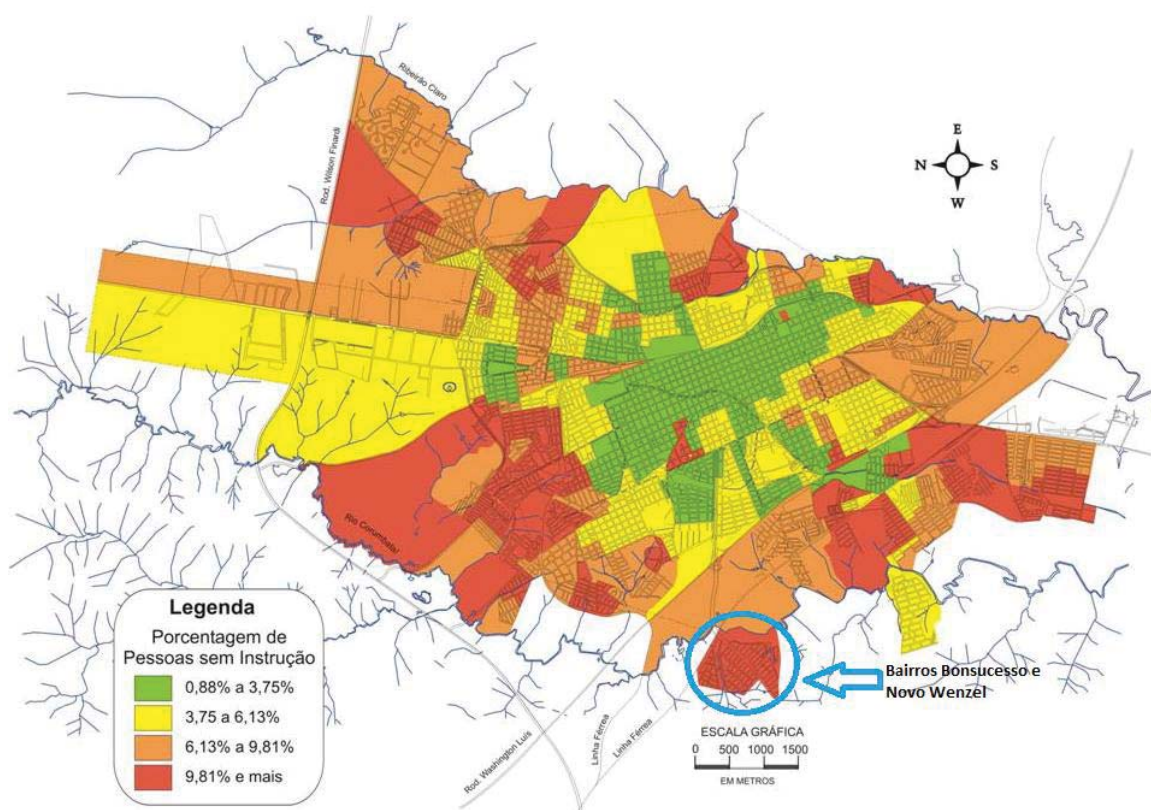
O que verificou-se, com a criação de novos loteamentos na cidade, foi a intensificação da desorganização espacial, pois surgiram bairros que não receberam infra-estrutura básica, houve aumento da violência, além do desemprego e de subempregos. (FILENI, 2004).

Os bairros, onde estão os sujeitos residentes participantes deste estudo, apresentam no Índice Paulista de Vulnerabilidade Social, da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE (2008), vulnerabilidade de nível 6, considerada muito alta. Esse índice foi elaborado pela SEADE e combina dimensões socioeconômicas e demográficas (renda das famílias e ciclo de vida familiar respectivamente) classificando setores censitários em seis grupos de vulnerabilidade social. Bonsucesso e Novo Wenzel estão, portanto, no nível mais elevado de condição de pobreza. A renda média das famílias dos dois bairros é de 0 a 3 salários mínimos (Figura 5).



**Figura 5:** Rio Claro- Renda Média em Salários Mínimos - Localização dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel. Fonte: IBGE – Organizado por Carlos S. Pateis adaptado por Ventura, 2012.

No que diz respeito às oportunidades de educação formal, nos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel existem duas escolas, sendo oferecidos Ensino Fundamental ciclo I e II e o curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), há também a presença de uma Organização não Governamental que desenvolve projetos sociais que atendem crianças, adolescentes e adultos e projetos de extensão universitária. Conforme indicado na Figura 6, a porcentagem de pessoas sem instrução nesses bairros é uma das mais elevadas do Município.



**Figura 6:** Rio Claro: Porcentagem de pessoas com 5 anos ou mais de idade sem instrução, por setores censitários- 2000. Identificação dos Bairros Bonsucesso e Novo Wenzel. **Fonte:** Prefeitura do Município de Rio Claro. Plano Diretor 2008 - Adaptado por Ventura, 2012.

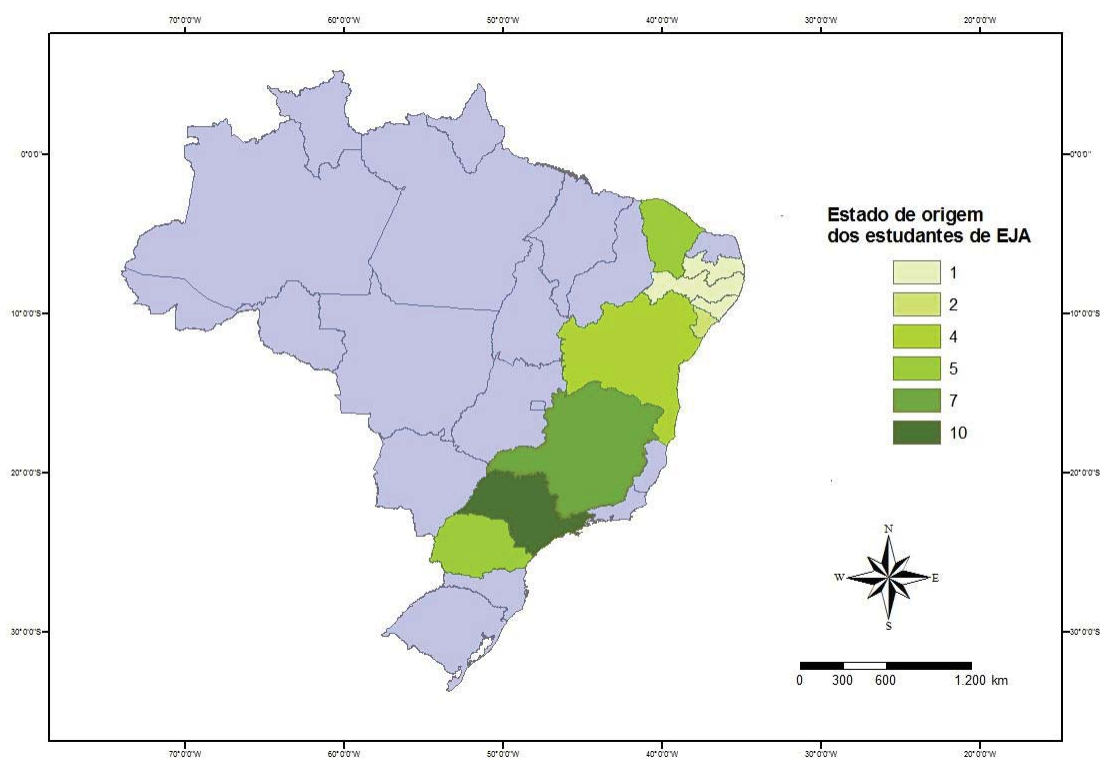
Vale destacar também que o permanecer ou o sair de um indivíduo ou de um grupo do local de origem não tem apenas motivações econômicas, mas também diversas outras, assim unem-se motivações econômicas e sociais (SINGER, 2002). Feita essas considerações destaca-se que um dos objetivos desse trabalho é apresentar os motivos da migração apontados pelos sujeitos que migraram, ou seja, “saber como agiam os ‘silenciosos’, aqueles que pouco aparecem na documentação escrita, isto é, as camadas de baixa renda; saber como encaram sua existência diante das modificações velozes em curso” (QUEIROZ, 1991, p.18).

#### 4.4 Alguns apontamentos dos questionários analisados: trajetórias migratórias e escolares de educandos da EJA

Para identificar educandos migrantes nas turmas de EJA procedeu-se análise de alguns dados obtidos nos questionários aplicados. Dos 36 questionários analisados, 8 eram de educandos da escola I (Ensino Fundamental I) e o restante, 28 questionários de educandos da

escola II (Ensino Fundamental II)<sup>12</sup>. O referido questionário é composto por questões de alternativas e discursivas, que englobam identificação, trabalho, escola e práticas de ler e escrever, totalizando 78 questões. Para essa monografia os apontamentos são apenas os referentes ao local de nascimento dos educandos, e o local em que frequentaram a escola reforçando a relevância dessa temática, haja vista o elevado número de migrantes.

A partir dos dados obtidos foram elaborados dois mapas com uso do Software Arc Gis. O primeiro mapa (Figura 7) a seguir e a Tabela 5 mostram o estado de origem dos estudantes da EJA, revelando que há educandos oriundos da região Sul (estado do Paraná), de outras cidades do estado de São Paulo, de cidades do estado de Minas Gerais e do Nordeste. Dos 36, apenas 5 educandos são naturais de Rio Claro-SP, isso representa aproximadamente 14% do total e corresponde a metade do número de educandos nascidos no estado de São Paulo. Portanto, 86% dos entrevistados viveram a experiência de migrarem para Rio Claro. Os questionários também revelaram que um dos educandos, além das mudanças realizadas pelo Brasil, residiu por alguns anos no Paraguai.



**Figura 7:** Estado de origem dos educandos de EJA das escolas I e II. **Organização:** Ventura, 2012.

<sup>12</sup> Para manter sigilo as escolas serão identificadas por escola I e escola II.

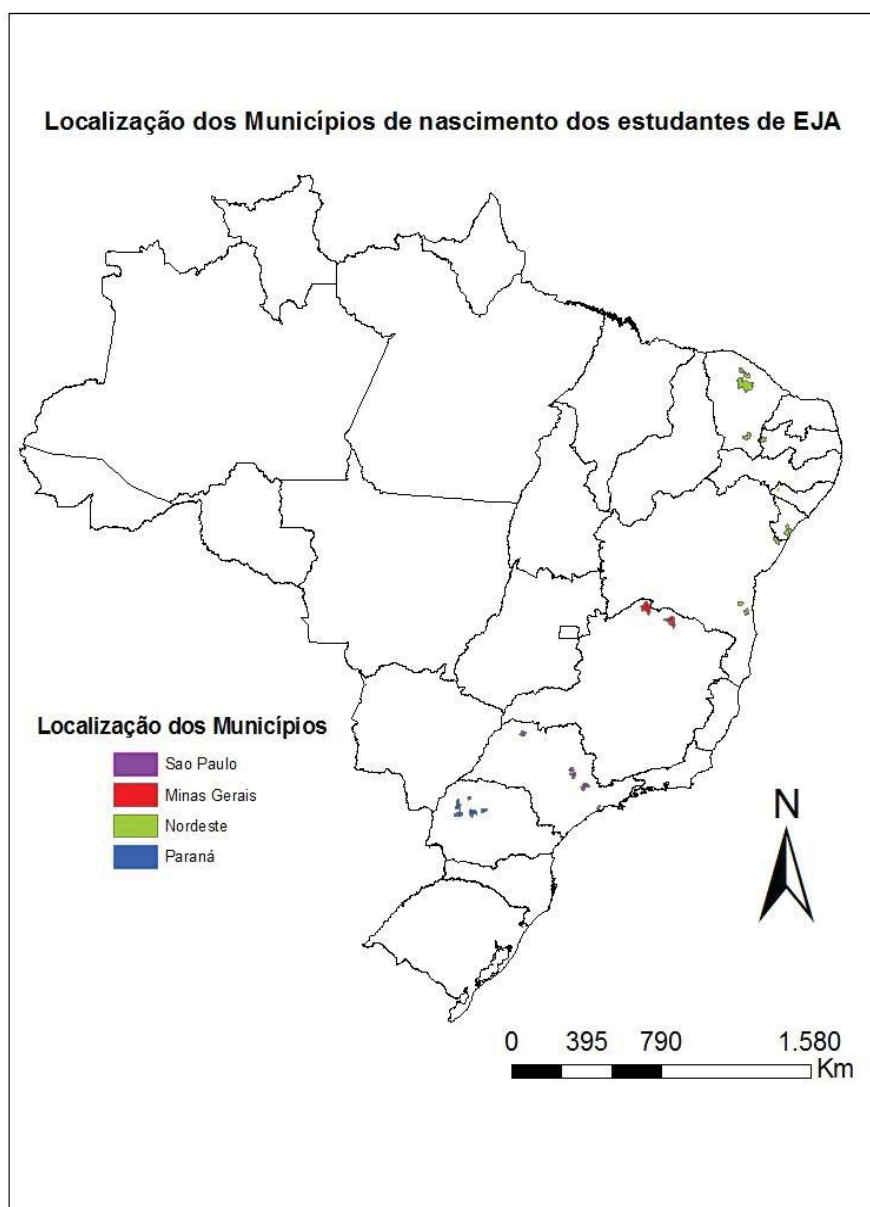
**Tabela 5:** Estado de origem por número de Educandos

| Estado de origem | Número de educandos |
|------------------|---------------------|
| Alagoas          | 1                   |
| Bahia            | 4                   |
| Ceará            | 5                   |
| Minas Gerais     | 7                   |
| Paraná           | 5                   |
| Paraíba          | 1                   |
| Pernambuco       | 1                   |
| São Paulo        | 10*                 |
| Sergipe          | 2                   |
| Total            | 36                  |

\*5 educandos são Rioclarenses.

**Organização:** Ventura, 2012.

A fim de conhecer a localização dos municípios de origem dos educandos, foi elaborado um mapa (Figura 8) representando os limites territoriais de 25 municípios. Nota-se que os educandos nascidos em Minas Gerais são da região norte do estado, e os nascidos no Paraná são da região oeste do estado. Apenas quatro educandos não responderam o nome do município em que nasceram. Segue também, tabela (Tabela 6) com o nome dos municípios de nascimento e estados.



**Figura 8:** Localização dos Municípios de nascimentos do educandos da EJA das Escolas I e II. **Organização:** Ventura, 2012.

**Tabela 6:** Municípios de nascimento dos educandos da EJA das escolas I e II.

| Estado       | Municípios de nascimento dos educandos da EJA                                |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------|
| Alagoas      | *                                                                            |
| Bahia        | Itapitanga, Itabuna, Rio Real, *                                             |
| Ceará        | Apuiarés, Canindé, Itapajé, Várzea Alegre, *                                 |
| Minas Gerais | Capelinha da Graça, Manga, Monte Azul (4 educandos ), Mato Verde             |
| Paraná       | Campo Mourão, Cruzeiro do Oeste, Goioerê, Japurá, Santa Luzia da Alvorada    |
| Paraíba      | Cajazeiras                                                                   |
| Pernambuco   | *                                                                            |
| São Paulo    | Castilho; Analândia; Campinas; Cubatão; Rio Claro (5 educandos); Votuporanga |
| Sergipe      | Itaporanga; Estância                                                         |

\*Não respondeu o município de nascimento

**Organização:** Ventura, 2012.

A itinerância de muitos educandos é, portanto, pela escola e pelo país.

Na Tabela 7 apresentam-se algumas informações que indiciam a trajetória de cada um/uma educando/a que respondeu ao questionário, informando a série iniciada, o ano em que a iniciou, a idade, as cidades e os estados em que cursou parte dos estudos e o local de nascimento, revelando a multiplicidades das trajetórias escolares e migratória.

**Tabela 7:** Período escolar anterior dos educandos da EJA das escolas I e II

| SÉRIE INICIADA                                                                       | ANO                         | IDADE QUE POSSUIA AO FREQUENTAR A ESCOLA | CIDADE/ESTADO                                           | SÉRIE ATUAL    | LOCAL DE NASCIMENTO        |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|------------------------------------------|---------------------------------------------------------|----------------|----------------------------|
| 1 <sup>a</sup>                                                                       | *                           | *<br>21                                  | Ceará (reprovou 7 vezes quando criança)<br>Rio Claro-SP | 3 <sup>a</sup> | Itapajé/CE                 |
| 1 <sup>a</sup>                                                                       | *                           | *                                        | Monte Azul /MG                                          | 1 <sup>a</sup> | Monte Azul/MG              |
| 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup>                                                      | *                           | 12<br>16                                 | Paraguai<br>Brasil                                      | 3 <sup>a</sup> | Santa Luzia da Alvorada/PR |
| 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup>                                                      | 1977/1978                   | 21-22                                    | Votuporanga/SP                                          | *              | Castilho/SP                |
| 1 <sup>a</sup>                                                                       | 1979                        | 9                                        | Escola rural longe da cidade                            | 1 <sup>a</sup> | Goioerê/PR                 |
| 1 <sup>a</sup>                                                                       | 2002                        | 24                                       | Rio Claro/SP                                            | 3 <sup>a</sup> | Cajazeiras/ PB             |
| 4 <sup>a</sup>                                                                       | 2010                        | 14                                       | Itaporanga/SE                                           | 5 <sup>a</sup> | Itaporanga/SE              |
| 4 <sup>a</sup>                                                                       | 1975                        | 15                                       | Barbosa Ferraz/PR                                       | 6 <sup>a</sup> | */AL                       |
| 5 <sup>a</sup>                                                                       | 2001                        | 11                                       | Umbaúba / SE                                            | 6 <sup>a</sup> | Estância /SE               |
| 5 <sup>a</sup>                                                                       | 2002                        | 12                                       | Cristinápolis/SE                                        |                |                            |
| 6 <sup>a</sup>                                                                       | 2005                        | 15                                       | Tomar do Geru/SE                                        |                |                            |
| 6 <sup>a</sup>                                                                       | 2011                        | 22                                       | Rio Claro/SP                                            |                |                            |
| 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup><br>3 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup>                   | 1988 a 99<br>a 2000         | 7 a 8<br>9 a 10                          | São Carlos/SP<br>São Carlos/SP                          | 6 <sup>a</sup> | Campinas/SP                |
| 3 <sup>a</sup>                                                                       | *                           | 10                                       | Monte Azul/MG                                           | 7 <sup>a</sup> | Monte Azul/MG              |
| 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup><br>3 <sup>a</sup><br>4 <sup>a</sup> a 7 <sup>a</sup> | 1994 a 96<br>1997 a<br>2000 | 7 e 8<br>9<br>10 a 13                    | Fernandópolis/SP<br>Cardoso/SP<br>Votuporanga/SP        | 7 <sup>o</sup> | Votuporanga/SP             |
| 7 <sup>a</sup>                                                                       | 2010                        | 15                                       | Rio Claro/SP                                            | 7 <sup>o</sup> | Rio Claro/SP               |
| 1 <sup>o</sup> a 4 <sup>a</sup>                                                      | 1965 a 68                   | *                                        | *                                                       | 7 <sup>a</sup> | Itapitanga/BA              |
| 1 <sup>a</sup>                                                                       | *                           | 7                                        | Monte Azul/MG                                           | 7 <sup>a</sup> | Monte Azul/MG              |
| 5 <sup>a</sup> a 7 <sup>a</sup>                                                      | 2010 a 11                   | 29                                       | Rio Claro/SP                                            | 7 <sup>a</sup> | Cubatão/SP                 |
| 6 <sup>a</sup>                                                                       | 2010                        | *                                        | Rio Claro/SP                                            | 7 <sup>a</sup> | Capelinha da Graça/ MG     |
| 1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup><br>6 <sup>a</sup> e 7 <sup>a</sup>                   | 1964 a70<br>2010 a 11       | 7-13<br>52 -53                           | São Paulo/SP- Rio Claro/SP<br>Rio Claro/SP              | 7 <sup>a</sup> | */PE                       |
| 6 <sup>a</sup>                                                                       | 2010                        | 15                                       | Rio Claro/SP                                            | 7 <sup>a</sup> | Rio Claro/SP               |
| 5 <sup>a</sup> a 7 <sup>a</sup>                                                      | 2009 a 11                   | 41-43                                    | Rio Claro/SP                                            | 7 <sup>a</sup> | Rio Claro/SP               |
| 1 <sup>a</sup> a 4 <sup>a</sup><br>5 <sup>a</sup> a 7 <sup>a</sup>                   | 1989 a 92<br>2009 e 10      | 7 a 10<br>26                             | Goiaerê/PR<br>Rio Claro/SP                              | 7 <sup>a</sup> | Campo Mourão/PR            |

Continua

Continuação

| SÉRIE INICIADA      | ANO                            | IDADE QUE POSSUIA AO FREQUENTAR A ESCOLA ANTERIORMENTE | CIDADE/ESTADO                                                     | SÉRIE ATUAL | Local de Nascimento |
|---------------------|--------------------------------|--------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|-------------|---------------------|
| 1ª a 4ª<br>5ª a 6ª  | 1990 a 93<br>2010              | 10<br>29                                               | Jaíba/MG<br>Rio Claro/SP                                          | 7ª          | Manga/MG            |
| 1ª a 4ª<br>5ª a 7ª  | 2004<br>2007 a<br>2011         | *<br>8<br>11 a 15                                      | *<br>Rio Claro/SP<br>Rio Claro/SP                                 | 7ª          | Rio Claro/SP        |
| 3ª e 4ª             | 1999                           | 12                                                     | Mato Verde/MG                                                     | 8ª          | Mato Verde/MG       |
| 3ª e 4ª<br>5ª<br>6ª | 1979 e 80<br>1981<br>1982 a 83 | 8<br>9<br>10-11                                        | Paraíso do Norte/PR<br>Paraíso do Norte/PR<br>Paraíso do Norte/PR | 8ª          | Japurá/PR           |
| 4ª                  | 2009                           | 40                                                     | Rio Claro/SP                                                      | 8ª          | Canindé/CE          |
| 1ª a 8ª             | *                              | *                                                      | Rio Claro/SP                                                      | 8ª          | */CE                |
| 1ª a 4ª             | 1998 a 01                      | 12 a 15                                                | Rio Claro/SP                                                      | 8ª          | */BA                |
| 1ª a 8ª             | 2000 a 07                      | *                                                      | Rio Claro/SP                                                      | 8ª          | Itabuna/BA          |
| 3ª                  | *                              | 7                                                      | Várzea Alegre/CE                                                  | 8º          | Várzea Alegre/CE    |
| 3ª e 4ª             | 1992 a 93                      | 17/18                                                  | Rio Claro/SP                                                      | 8ª          | Apuiarés/CE         |
| 5ª<br>6ª a 8ª       | 2008<br>2009 a 11              | 12<br>15 a 17                                          | *<br>Rio Claro/SP                                                 | 8ª          | Rio Claro/SP        |
| 7º                  | 2003                           | 22                                                     | Rio Claro/SP                                                      | 8º          | Monte Azul/MG       |

\* Não respondeu

Organização: Ventura, 2012.

Dos motivos apontados para a interrupção dos estudos os questionários revelam que a maioria começou a trabalhar com menos de 15 anos, tendo, portanto, deixado de frequentar a escola para trabalhar. Foram citadas também questões relacionadas à ausência de escola e a distância até elas, a migração e a indisciplina na sala de aula. Seguem algumas das respostas dadas<sup>13</sup>:

<sup>13</sup> Cabe destacar que na Escola de Fundamental I o grupo de entrevistadores fez o papel de escriba, já que muitos educandos apresentavam dificuldade para ler e escrever.

- *“Não foi possível permanecer estudando porque tive que ajudar meus pais no trabalho.”*
- *“Falta de oportunidade; porque meu pai não deixava estudar”.*
- *“por que os meus filho era pequenos”.*
- *“Para a minha mãe poder trabalhar e eu cuidar da casa, dos meus irmãos”*
- *“por que eu quis trabalha”*
- *“por que mudamos para otro <sup>14</sup>país busca de melhora.”*
- *“Precisando trabalhar para minhas despesas, ajudar nas despesas de casa e na lavoura.”*
- *“Trabalho, ajudar na renda da família.”*
- *“Bagunçava; 2 – Atrapalhava a professora.”*
- *“Mudamos para um lugar onde não tinha ônibus e a escola era muito longe. [...]”*
- *“Porque tinha que trabalhar na roça e o pai mudava muito de sítio para trabalhar.”*
- *“por que não tinha escola”*
- *“Casei e engravidei e parei para cuidar de minha filha”*

Esses dados indicam a relevância dessa temática nas escolas de EJA pesquisadas, seja no ensino de Geografia ou de outras disciplinas.

Em posse dessas informações foi retomado o contato com os educandos que responderam a esse questionário convidando-os para uma entrevista. Apenas duas educandas aceitaram participar, portanto, uniram-se a elas uma educanda da EJA que não havia respondido ao questionário. É necessário destacar que as narrativas (dados empíricos) são centrais neste trabalho. Assim:

La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.11)

---

<sup>14</sup> Mantida a escrita dos sujeitos, destaco a palavra otro (castelhano) presente na escrita da educanda que já morou no Paraguai.

**Encontros e Despedidas**

*Composição: Milton Nascimento e Fernando Brant (1985)*

Mande notícias do mundo de lá  
Diz quem fica  
Me dê um abraço, venha me apertar  
Tô chegando  
Coisa que gosto é poder partir  
Sem ter planos  
Melhor ainda é poder voltar  
Quando quero

Todos os dias é um vai-e-vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai pra nunca mais  
Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai e quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
E assim, chegar e partir

São só dois lados  
Da mesma viagem  
O trem que chega  
É o mesmo trem da partida  
A hora do encontro  
É também de despedida  
A plataforma dessa estação  
É a vida desse meu lugar  
É a vida desse meu lugar  
É a vida

## 5 NARRATIVAS DE MIGRANTES

Segue a narrativa de três mulheres migrantes que revelam em suas falas os motivos da migração, a busca pela escolarização e suas práticas de ler e escrever. Após as narrativas está uma atividade coletiva realizada com educandas do PEJA. Optou-se por manter na escrita as formas do falar de cada uma, revelador do local de nascimento, foram feitas apenas adequações mínimas para permitir um melhor entendimento.

### 5.1 Entrevistada: Márcia

Local da entrevista: ONG Artevida

Data: 28/05/2012

Márcia é natural de Cubatão-SP, já residiu em Pedreira-SP, tendo migrado para Rio Claro com a mãe e irmãos há aproximadamente 11 anos, tinha na época 18 anos de idade.

Gosta de ler e escrever e sobre essa entrevista escreveu:

Na segunda feira da semana passada, eu fiz duas entrevistas com a Flávia, uma sobre a migração e outra sobre o passeio à Bauru, fiquei tímida, nervosa e meio sem jeito por expor as minhas sensações e desejos e sentimentos, porque sou uma pessoa bastante reservada, não gosto de falar muito dos meus sentimentos, me sinto melhor colocar eles numa folha de papel como escrita que é o meu forte, mas tudo saiu bem afinal. (NUNES, 2012, p.35)

Assim, em sua casa possui livros, revistas e gibis e sobre o lugar onde nasceu:

- *O que a gente tem de lá é foto né.*

Já escreveu sobre o lugar em que nasceu:

- *Aaa que nem a cidade onde eu nasci né, Cubatão eu escrevi que quando eu mudei pra cá, no começo assim, eu não me acostumava com aqui né, eu sentia muita falta de lá porque nasci, passei a infância, a juventude lá. E lá os recursos é bem mais fácil que daqui né! Fora que eu lembro muito da época quando eu era criança que minha mãe ia pescar, a gente ficava no rio né! no mangue tinha caranguejo, camarão. Então eu fico com saudade dessa época.*

Já escreveu também sobre como foi ter mudado de cidade ainda jovem, contando sobre seus sentimentos ao mudar:

- *Foi triste porque eu não queria sair, né! Mas como eu morava junto com a minha mãe, minha família, então não tinha jeito não, tinha que vir. É que nem eu falei : a saudade que eu sentia, agora não, eu já acostumei muito aqui, mas no começo foi difícil.*

Os motivos para a migração e por que Rio Claro?

- *A minha mãe tava cansada de ficar lá. Tava morando há muitos anos lá e resolveu vir para cá. Em Pedreira as casas eram todas muito caras e aqui não, pelo menos aqui no bairro, na época que a gente veio você tinha mais condições de ter uma casa. Era mais barato entendeu. Então foi por isso que ela veio para cá.*

O que esperava encontrar em Rio Claro:

- *Oportunidade de Vida. Assim, mudar de vida, ter um emprego fixo, uma casa, entendeu, esse tipo de coisa.*

Quando interrogada sobre qual lugar mais gostou de morar, a resposta é dada rapidamente:

- *Cubatão (...) A porque eu nasci lá né. Me criei, praticamente a infância tudo lá. Eu não sei como tá lá agora, mas na época em que eu morava lá tinha posto de saúde, tudo, até mesmo pra festa, era tudo municipal era bem melhor do que aqui (...)Tinha festa das nações, você sabe! São várias nações que se juntam. Tinha festa do siri que é com pratos, tudo tipo de pratos feitos com siri e tinha o parque de mergulho, que no dia das crianças eles levavam com um ônibus gratuito, e você tinha acesso a todos os brinquedos tudo, guloseimas.*

Perguntei-lhe em que época acontecia à festa do siri:

- *Eu acho que era no final do ano.*

Acrescentando mais adiante informações sobre quais eram as músicas da festa:

- *(...) era mais o que eu lembro, era forró, que eu lembro mais vagamente era forró. Porque lá eles gostam muito de forró.*

Quando o assunto é a ida a escola, relata que havia uma escola na mesma rua de sua casa, tendo frequentado até a quinta série. Suas lembranças da escola:

- *Ah eram uma escola que eu lembro, assim, uma escola muito boa, muito boa, não tenho lembranças ruins de lá não (...). Hoje é diferente (Por quê? ) Ah porque os alunos, sei lá, eram mais sossegados né, é respeitavam mais os professores eu acho que é isso.*

Parou de estudar para cuidar dos irmãos e da casa enquanto a mãe trabalhava. E voltou a estudar por que:

- *Ah pra ter melhorá de vida né, arrumar um bom emprego e ser alguém na vida.*

Sobre sua cidade natal e Pedreira:

- *Cubatão, é turística porque têm indústrias, eu não vou lembrar o nome de uma indústria bem famosa que tem lá, eu não to lembrando. Eu sei que todo ano vem gente de fora de vários lugar e visita, tem uma procura muito grande e ela tá associada ao porto de Santos lá, mas o nome eu não lembro, vou ficar te devendo essa (risos).*

Acrescentando informações sobre a pesca:

- (...) cada época você pode pegar frutos do mar diferentes. Que nem agora nessa época do frio, dá para a pesca de mariscos, ostras, unha de pedra que é um molusco que é que nem marisco, só que é branco, tem o mesmo formato de marisco. Então, essa é a época que a maré tá meio rasa. E você tem que entrar na lama para pegar. Tem a época do verão que é época de pesca de caranguejo e do siri. Camarão é o ano inteiro. Então tem a época certa para pescar. Pedreiras também têm muitas indústrias e é a cidade da porcelana lá, qualquer tipo de porcelana que você quiser você compra; porcelana, louça, muito bonito, assim que eu lembro de lá, sabe!

Quanto à alimentação do litoral *“a gente comia muito fruto de pesca né! a gente comia bastante, era como um hábito”*.

Quando o assunto são as lembranças de Cubatão que podem ser despertadas por elementos da paisagem de Rio Claro ela relata uma loja especializada em frutos do mar localizada num bairro da cidade, mas diz que nunca foi até lá, apenas associou com o que tem ouvido desse local: *“não, nunca fui, mas já falaram para mim”*.

Sobre o que fazia em Cubatão e que continuou a fazer em Rio Claro, a ideia era que se falasse sobre as festas, culinária, música, mas a resposta dada por ela retoma a importância da volta aos estudos: *Acho que os estudo. Por que lá né, eu comecei a estudar e parei e aí eu vim pra cá e comecei a estudar de novo, demorei um pouco, mas comecei a estudar de novo.*

Em Rio Claro frequenta mais o centro da cidade, destacando a praça dos bancos, espaço público e as barraquinhas de camelô que lembram o lugar em que nasceu:

- *Tem a praça, né! Que tem um lago bem bonito, as esculturas que tem lá. A onde tem camelô também, assim, marca bastante, acho que Rio Claro pode ser conhecida pela praça e por ter esse tipo de comércio na praça. (...) lá em Cubatão tem muita, a diferença é que lá tem feira, as barraquinhas de camelô você vê com as feiras e aqui não tem.*

Dos lugares na cidade que não conhece e que gostaria de conhecer:

- *Eu queria (pausa) ir no cinema, tenho muita vontade de ir no cinema, num parque de diversões... Por que eu nunca fui, o cinema eu tenho muita curiosidade de saber como é assistir um filme no cinema, eu queria assim, ter essa sensação, esse sentimento. No parque também, eu nunca fui quando criança, queria ir nos brinquedos e até ir no circo, tem parque que tem circo, eu tenho vontade!*

Quando a pergunta é sobre o que mudou em sua vida com a vinda para Rio Claro a resposta retoma o significado da continuidade dos estudos:

- Mudou muita coisa, eu terminei uma parte dos estudos, né! E participei (pausa) assim de muito evento importante, entendeu? Coisa que eu nem imaginava é que eu pudesse ir bem na escrita. Eu aprendi, sei lá, aqui, conheci meu talento assim. Então, é um lugar que vai ficar marcado para mim, Rio Claro, por que eu cresci muito aqui.

De sua relação com o ler e escrever acrescenta:

- A é que eu me expesso melhor escrevendo do que falando. Na escrita eu ponho todos meus pensamentos, minhas ideias, eu tenho todo meu sentimento ali. Papel pra mim é como se fosse um parte de mim. Como se eu tivesse assim, pondo aquilo para fora, como se eu passasse aquilo ali pro meu coração, entendeu! Então é mais ou menos isso.

O mudar para a Márcia não foi só de um lugar para o outro, o mudar dela e dado pelo potencial de transformação da educação:

- Eu mudei muito como ser humano porque eu evolui muito, porque eu era uma pessoa muito diferente do que eu sou hoje. E educação transforma muito a gente. Você quando você tem estudo, você vê o mundo de outra forma. Você pega as coisa de uma maneira bem clara diferente aquilo que você é acostumado a ver ou o que você pensava que era (...) então é como eu falei, mudei muito, eu sou outra pessoa por causa dos estudos, eu tenho muito a agradecer assim, a todo meu conhecimento, minhas experiências, meu sonhos que a volta aos estudos me trouxe por que se não fosse isso, se eu não tivesse voltado aos estudos eu não teria nada disso, essas emoções.

Quanto as emoções é feito referência a atividades de Campo do PEJA (visita a fazenda Santa Maria do Monjolinho de São Carlos-SP, curso de formação de educadores em EJA) e concursos de redações em que foi premiada:

- Os lugares que eu fui, a Fazenda, o curso da semana passada, os concursos que eu já participei. São coisas maravilhosas para mim. Então eu tenho que agradecer né! E é isso porque eu acho que eu sou uma privilegiada porque não é todo mundo que tem assim, acesso a essas coisas. Eu acho que se tivesse mais atividades assim, eu acho que o pessoal não interromperia os estudos, ia ter animo para continuar.

A temática migração foi vista na escola de EJA que frequentou da seguinte forma:

- Eles perguntam muito para a gente, se a gente gosta do lugar. O que fez agente sair de uma cidade para outra? Qual objetivo? Razão? Essas coisas assim, eles perguntam muito para a gente.

Da pergunta final se há nos bairros Bonsucesso e do Novo Wenzel algo na paisagem que traz à lembrança o lugar em que nasceu essa foi a resposta dada: “a mata, porque lá no litoral tem a mata, a serra do mar, tem pé de eucalipto e me lembra muito”.

Assim, pergunto a ela: Márcia você aceita fazer uma entrevista caminhante e me apresentar esse espaço do bairro?

*Sim.*

Vamos à atividade imagética de registro da paisagem do bairro:

Numa sexta-feira pela manhã, antes dos raios de sol das 11 ou 12 horas, saímos em direção ao local indicado pela Márcia em sua narrativa: a mata. Eu fiz o papel de cinegrafista em posse de uma câmera e a Márcia levou consigo uma máquina fotográfica.

*- Eu gosto de verde, para mim é o lugar mais bonito que tem aqui no bairro. Me lembra também o lugar onde eu morava, lá tem muito verde. Eu gosto muito de árvore, se eu estou cansada ou no sol, se tiver uma árvore para eu encostar eu encosto. Então, eu acho bonito aqui. O lugar que eu morava, tinha ciclovia, igual é aqui encima (indicando para a estrada que liga o bairro a cidade), tinha bastante árvore, quando eu passo aqui eu lembro muito de lá. Eu gosto daqui porque é tranquilo, você pode vir refletir pensar na vida. Às vezes quando eu estou triste ou preciso tomar uma decisão importante eu gosto de sair e ir para um lugar assim, tranquilo, aí eu fico embaixo de uma árvore pensando, para tomar a decisão certa de algum problema. Lá onde eu morava já era diferente, porque tinha a maré, então eu gostava muito de lá, na maré, eu pegava e ia e passava horas e horas lá, ficava assim, olhando para a água e refletindo pensando qual decisão tomar.*

Na caminhada Márcia registra as seguintes imagens:



**Figura 9:** “Mata” do Novo Wenzel.

Continuamos até uma nova quadra de esportes, demanda antiga da comunidade que carece de espaços de lazer. Márcia também menciona um campo de futebol, em que se instalam circos:

- É ali no campo, mas na época de chuva é ruim porque fica um lameiro só, anda e fica escorregando. Eu falei pra você que eu nunca tinha ido num circo! Então eu fui e vi (...). Achei bonito. Vi os trapezistas (...) sempre tive vontade de ir num circo, nunca tinha ido, aí quando teve aqui eu tive a oportunidade e fui. Achei uma coisa bem interessante sabe!

Continuando a caminhada:

Márcia essa parte sempre foi assim?

- Sim, o pessoal fala que aí é brejo, mas eu nunca entrei para ver, mas já morei nessa rua e tem muita cantoria de sapo, então acho que é verdade.

Ela indica a construção de algumas casas populares próximo de onde estamos, dizendo que fez sua inscrição para poder morar em uma delas e que aguarda ansiosa para o dia em que terá sua própria casa, seu canto (ela vive com a mãe).

- Eu gosto muito assim, de escrever de ler e eu faço isso mais quando estou sozinha, que eu penso mais e as ideias surgem na minha cabeça, é mais quando estou sozinha. Então eu quero muito ter a minha casinha!

Márcia sobre o que você escreve?

- Eu gosto muito de escrever sobre a vida, assim, o cotidiano eu me baseio muito pelas minhas experiências, entendeu! E eu gosto de ler livros que está relacionado a isso, as coisas que acontecem no nosso dia a dia. Só uma coisa que eu queria escrever e ainda não consegui. Que é sobre a vida após a morte, me veio umas ideias na cabeça, mas eu tava tão cansada, já era de madrugada. Então se tivesse levantado e escrito naquele dia, acho que teria saído bonito, eu ia escrever como rima. Mas eu tava tão cansada e dormi e no outro dia eu apaguei completamente (...). Eu acho que quando agente morre e tem uma outra vida, sei lá, até parece tolice eu dizer, mas eu acho que tem tudo assim, cidade, casa, comida, igual aqui.

Chegamos à quadra indicada como espaço de lazer para os moradores dos bairros.



**Figura 10:** Quadra de esportes do Novo Wenzel.

Após observação desta, continuamos nossa caminhada (...).

Chegando a um local indicado pela Márcia como sendo: “*ali que as crianças do bairro costumam nadar*” e encontramos próximo dali a seguinte placa:



**Figura 11:** Placa-Não jogue lixo neste local.

Quando interrogada sobre placa:

- *Ah eu acho que é necessário, tem muita gente que joga lixo aqui. Tem que conscientizar né!*

Nossa caminha teve fim no campo de futebol do bairro.

## **5.2 Entrevistada: Ana Clara**

Local da Entrevista: Escola II

Data: 01/06/2012

Ana Clara é natural de Mamonas, já morou em Monte Azul e Mato Verde, ambas cidades do estado de Minas Gerais, tendo migrado para Rio Claro em 1998 com o marido e três filhos. No início da entrevista me conta sobre sua trajetória pela escola:

- *Eu to aqui, desde que eu vim da 4ª série na escola \*\*\*\*<sup>15</sup>, né! Entrei na escola (pausa) primeiro lugar, eu era analfabeta e resolvi a estudar. Então eu vim de Minas Gerais para Rio Claro em 98 e daí cheguei aqui e vi que a coisa não era bem assim e resolvi*

<sup>15</sup> Será mantido o sigilo quanto à escola.

*estudar, foi quando procurei a escola \*\*\*\*<sup>16</sup>, o EJA, e entrei na 1ª série, lá. E da 1ª série, eu to aqui, terminando a 8ª série, hoje.*

*Começou a estudar sem ter parado nenhum semestre:*

*-Fui direto, sem nenhum problema, não parei, continuei e agora já to saindo da 8ª e se Deus quiser quero ver se termino o colegial.*

*Viveu durante muitos anos no campo:*

*- Sempre morei no campo, meu pai era lavrador e me criei no campo, isso que me levou a dificuldade para estudar.*

*Em Mato Verde passou a morar na cidade:*

*- Ai eu já morei na cidade foi quando eu cresci, cheguei a trabalhar de doméstica, eu ainda era menor de idade e daí lá eu cresci, vivi até a idade dos meus 35 anos foi quando eu vim para Rio Claro.*

*Ainda tem familiares nos lugares em que morou:*

*- Tem, tenho parente em Mamonas, tenho parente em Monte Azul e têm parente em Mato Verde. Por todo lugar foi ficando os meus parentes, porque assim, a gente sempre acompanhou parentes. Então se um parente da gente morava em tal lugar e fala: Ó lá tá bom, então meu pai sempre ia, ia atrás. A vida do meu pai foi uma vida que ele só viveu mudando, só mudando de um lugar pra outro e isso que se tornava uma dificuldade pra gente estudar. Foi que quando eu resolvi estudar mesmo, foi que vê? tá com três anos, vai fazer três anos que estou no EJA, né! Que eu já estou na oitava e entrei no primeirinho, então conta a cada seis meses né! Então tá dando ai, acho que três anos né, três anos e meio por ai. É uns três anos porque daí que eu resolvi, que eu vi que as coisas estava ficando mais difícil, hoje a gente precisa do estudo. Eu preciso, você precisa, não adianta fugir dessa realidade porque não vai adiantar você fugir; então é melhor você encarar do que você fugir né! Então foi ai que fez eu ir pra escola. E eu trabalho numa casa de família que cujo meus patrões são muito legais, eles me incentivou muito a ir pra escola. Não a voltar pra escola mas a ir pra escola, porque se fosse voltar pra escola seria uma coisa que eu teria abandonado, mas eu nunca tinha ido assim na escola.*

*Já havia sim ido a algumas aulas do Mobral<sup>17</sup>, porém apenas algumas vezes:*

---

<sup>16</sup> Será mantido o sigilo quanto à escola.

<sup>17</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização.

- Fui um dia, mas era uma Mobral naquele tempo não era EJA era Mobral. Não sei se você já chegou ouviu falar do Mobral? Que era muito tempo né! Que o povo dava aula nas suas próprias casas e eu cheguei a ir num grupo de escola, assim, numa classe escolar mesmo, municipal. Que eu lembro foi em Mamonas e em Mato Verde que eu cheguei a ir; mas eu fui e não tinha conhecimento de nada e fui também um dia, dois dias, mas também não foi uma coisa que eu frequentei porque eu trabalhava muito. Então eu vi que não ia virar e eu não fui mais. Mas a minha frequência mesmo foi só isso, eu não tive conhecimento de nada dentro da escola.

As escolas eram longe de sua casa e o trabalho consumia o tempo do dia, não tendo sido possível estudar. Mas para que um de seus filhos pudesse frequentar a escola ela conta o seguinte:

- Tanto que quando eu morava longe, minha filha ficou com uma tia na cidade para poder estudar, mas ela ficava triste de ter que ficar longe e pro outros não terem que passar por isso, nós mudou para a cidade.

Já trabalhou em lavouras e como empregada “em casa de família”:

-Assim, olha meu pai, ele plantava algodão, milho, feijão essa era as três coisas, mais o forte mesmo da nossa região lá na época era lavoura de algodão esse era o ouro de Minas Gerais naquela época. (...) [em] 70, 79, 80 até 94 esse era o forte das lavouras de Minas Gerais. Era o algodão (pausa) era naquela época que eles descobriram que a lavoura de algodão era mais resistente ao sol, porque lá (pausa) o algodão resiste mais a seca do que o milho e o feijão, quer dizer precisa de muita água para produzir. Também o milho e o feijão para produzir ele não tem (pausa). Como é que fala? Capital, então é mais difícil para a pessoa lidar com esse tipo de lavoura, mesmo assim, tinha muita gente que plantava sim. Ai, depois do algodão, começou a dar um inseto com o nome de bicudo, que comia a lavoura, ele começava pela flor do algodão. Então inventaram uma pesquisa lá, inventaram veneno, inventaram muitas coisa lá, para combater e não conseguiu combater tudo. E o pessoal teve prejuízo, teve muita queda na lavoura, daí disistiram de plantar o algodão e começou a plantar sorgo, por que sorgo? Porque o sorgo servi para dá ao porco, a galinha né!, para dá ao gado. Então desenvolveu mais a agropecuária, que é criar vaca, boi, gado que seria o lucro, e até hoje, por certo, é isso: é a pecuária.

Atualmente é empregada doméstica:

-Eu trabalho de doméstica há treze anos, eu trabalho em uma casa. Foram os patrões que me incentivaram a voltar pra escola (imediatamente corriji a fala), que me deu a ideia de ir pra escola. E eu não me arrependi em nenhum momento, eu me arrependi pelo tempo que

*eu perdi e não pelo o que comecei a estudar, porque esse tempo que eu perdi eu achei que foi muito prejuízo pra mim pelo o que eu aprendi; se eu tivesse começado há mais tempo talvez, eu não sei. (...) [Quando resolveu estudar?]. Um dia eu tava trabalhando e falei para minha patroa que ia começar a estudar. Ela disse que queria me falar para estudar, mas disse que ficou com medo de achar ruim se ela me falasse. Eu não tinha mais nenhum impedimento, meus filhos todos criados. E aí ela me falou que ia mudar meu horário para eu poder estudar. Antes eu ia três vezes na semana, entrava cedo e saia tarde. E ela falou para eu ir a semana inteira, entrar mais tarde e sair um pouco mais cedo. E aí eu comecei a estudar.*

Quando o assunto é a posse de terra Ana apresenta:

*- Olha (pausa) o meu pai, antes dessa história aí, quando no município de Monte Azul, meu pai até tinha terra, que podia plantar, mas ele não tinha capital. Naquela época os bancos não forneciam dinheiro, igual é hoje. Hoje é mais fácil, você tem carteira, que eles falam que é um benefício para o agricultor, para ajudar, pode ir no banco e pegar o dinheiro, tem o benefício. Naquela época não existia muito, então foi muito difícil meu pai trabalhar na terra. Então que que meu pai fazia? Ele trabalhava na terra dos outros porque na terra dos outros eles forneciam todos os benefícios que meu pai precisava. Então meu pai vendeu a terra dele e foi trabalhar na terra dos outros. E tudo isso, nesse intervalo ele ficou trabalhando em terra alheia, mais depois que casei a gente comprou um sítio e plantou algodão, foi nesse sítio que daí eu falei para você, que a lavoura começou a dar prejuízo. A gente, o que produzia não dava para o que agente gastava. Então o que aconteceu, agente começou partir para a agropecuária, né! A agropecuária dava mais lucro, agente começou a plantar sorgo, capim essas coisas que era para a criação de porco, galinha e vaca é, então era isso aí.*

Quanto ao contato com a família é por telefonemas e com retornos ao local onde nasceu:

*- (...) em véspera de Natal e Ano Novo eu viajo pra lá vou visitá-la (família); inclusive lá em Mato Verde tem lugares meio pequeno com o nome Caputia onde mora todos os meus irmãos, tias, tios, então eu sempre estou visitando eles. Eles é que não vem aqui; mas eu sempre vou lá visitá-los.*

Sobre o ler e escrever, ela já enviou e recebeu cartas:

*- Jáaa, assim que eu cheguei aqui em Rio Claro, naquela época, telefone era muito difícil porque eu não tinha condições de pagar um telefone fixo na minha casa. Então a gente usava telefone público né, mas daí como minha mãe via que na época, assim, porque hoje eu não tenho mais minha mãe, ela já morreu né, então quando eu cheguei aqui ela sempre dizia*

que o tempo que eu ligava pra ela era muito longo, o espaço um do outro pra mim falar com ela. Então ela não aguentava, daí mandava os meus irmãos, porque minha mãe também era analfabeta, né, coitada! Ela não sabia nem ler e nem escrever, mas eu tenho irmão que sabe ler e escrever; então ela pedia, quando ela não pedia pra o meu irmão escrever pra mim, ela pedia ao vizinho ou a vizinha. Então eu recebia carta da minha mãe sim. Enfim, agora pra dizer que eu nunca escrevi carta para eles, eu me lembro que eu escrevi duas cartas durante esse período que eu to aqui em Rio Claro, mais era telefone mesmo, porque eu tinha muita preguiça de escrever cartas. E na época eu não escrevia, porque eu aprendi a ler, porque escrever eu escrevia errado. Eu não sabia escrever, eu achava que estava escrevendo certo mais não era, estava errado. Hoje que eu estou na escola eu vejo o quanto que eu escrevi errado, mas naquela época quando eu entrei na escola eu já sabia ler, mas eu aprendi sozinha lendo coisas na rua, lendo né. Então tudo que eu olhava eu tentava juntar as letras, então eu aprendi a ler, eu lia maravilhosamente bem, mais escrever eu não escrevia bem. Eu escrevia tudo errado; então eu achava melhor e eu tinha preguiça também de escrever mesmo que eu escrevesse errado ou certo eu tinha preguiça de escrever. Então eu fazia mais é ligar, como que na época que eu cheguei aqui à vida pra mim foi muito difícil porque eu cheguei aqui com três crianças na época. Hoje tudo é casado, mas na época era de menor, era tudo pequeno, era menores de idade e eu sofri muito porque eu tinha que trabalhar fora, tinha que cuidar dos meus filhos e eu não conhecia a cidade direito. Foi muito difícil, mais o dinheiro também faltava às vezes pra comprar o cartão ou às vezes pra ir no telefone pra fazer as ligações; então isso era para mim era a dificuldade que eu tinha às vezes de ligar, era quando eu percebia ficava preocupada e mandava carta.

Não guarda as cartas que enviou ou recebeu:

- Olha não tenho, eu sou uma pessoa que não guardo as coisas. Tudo que eu vi que já usei que já foi de bom tamanho já desfaço daquilo. Eu não sou de guardar recordações. Não gosto muito de guardar recordações, ainda mais agora que eu não tenho a minha mãe, eu acho que se eu guardasse poderia me trazer mais sofrimento. Até tinha bastante de um irmão meu quando ele morou lá em Monte Azul e eu tava em Mato Verde. Então a gente só se comunicava por cartas mais isso foi lá em Minas Gerais e daí se foi os dias das cartas né, nunca eu fui de ligar pra essas coisas nem de namorado quando eu recebia.

Peço que ela conte um pouco mais sobre como aprendeu a ler:

- A necessidade de ônibus, de transporte, pegar ônibus. Às vezes eu tinha que, por exemplo: eu sabia que tinha um serviço lá no Palmeiras, aí eu perguntava pra pessoas: mas que ônibus eu tenho que pegar pra ir lá no Palmeiras. E eles me falavam: Ah você tem que

*pegar o Palmeiras ou o Jardim Novo né, que é o ônibus. Ah eu quero ir lá pro Santa Maria, pro Santa Eliza. Ah você tem que pegar o primeiro ou coisa assim. Ai que eu vi que eu tinha necessidade de aprender mais né!. Então eu chegava ali na estação, eu ficava observando os ônibus que iam chegando lendo e também endereço, às vezes a pessoa falava assim: Ah tem uma coisa em tal lugar, você vai por exemplo saúde, posto de saúde, hospital, então eu tinha que sabe; então eu passava em frente e olhava todas às vezes.*

Possui materiais de leitura em casa:

*- Na minha casa eu tenho a bíblia sagrada que eu gosto de ler, eu tenho um livro de biologia que de vez em quando eu gosto de ver as partes do corpo humano, como que (pausa) sabe? Eu tenho jornal que gosto de ler. De vez em quando meu patrão tem jornal e eu guardo alguma reportagem que eu acho importante. Porque aqui na escola faz muito conhecimentos gerais, que é uma prova que a gente faz que cai na avaliação, no provão, e a gente precisa ter muito conhecimento com o que acontece. Então quando me intriga eu prego na parede, às vezes eu deixo lá, assim tudo que um dia eu posso precisar fica lá. Eu vou lembrar porque se às vezes cai ta lá, eu vou lembrar. Então eu tenho bastante, eu tenho livro de história é das coisas que eu gosto.*

Sobre o que gosta de ler:

*- Ahh gosto de ler fofoca política viu, agora que tá esse cara ai eu não perco uma esse Cachueira que tá né, essa polêmica dele. Ai eu to sempre ligada, tanto que eu nem devia me preocupar com isso, mais não adianta a gente sempre ligado né! Como uma pessoal pode ter tanta sujeira né! E ainda a justiça envolvida no meio; então isso eu guardo eu gosto de guardar.*

Fica em dúvida se ainda tem guardado um livro de receitas da avó:

*- Eu tenho um, não sei se ainda tenho porque minha filha ela vive emprestando as coisas; mais eu tinha guardado, mais não sei se tenho ainda, mais eu tinha um caderninho de receita que era da minha avó, da minha avó ficou pra minha mãe, da minha mãe eu catei da minha mãe, depois que minha mãe morreu; única coisa que me interessou lá da casa dela foi esse caderninho e eu peguei e trouxe pra mim que ele fica sempre dentro duma gaveta lá na minha casa, não sei se ainda tem. Apesar de que eu não faço receita, faço de cabeça.*

Quanto às lembranças da viagem que fez de Minas à Rio Claro diz:

*- Lembro como se fosse agora!(...) Flávia, eu vou falar um coisa para você. Viajar com três crianças já não é bom, né! Ainda mais numa viagem longa! Igual foi à viagem que eu fiz de Minas Gerais até Rio Claro. Porque são, se eu não me engano, são 2000 quilômetros por ai, 1600 uma coisa assim, entendeu!. E a gente não tinha aquela história de*

*vir com transporte legal, então a gente veio, em ônibus clandestino, correndo risco na estrada, correndo risco de quebrar e a gente ficar parado na estrada. Mas graças a Deus, correu tudo bem e a pessoa que trouxe uma parte da minha mudança foi muito legal, porque eu paguei barato, não paguei caro e me deixou certo, no destino onde eu queria ficar. Então para mim foi uma aventura, porque foi uma experiência, porque eu nunca tinha feito (pausa) já fiz várias viagens, mas não tão longa, não com filho, marido né! E meu marido, nem é mais marido, mas naquela época era marido e ele era muito assim, sem paciência, não tinha muita paciência e ele acha que tudo era tão difícil como foi à viagem, mas foi legal a viagem!..Não tenho que reclamar de nada. Rio Claro só me deu sorte (risos) Sofri mais valeu a pena!*

Quanto aos motivos que a fizeram mudar de cidade responde:

*- Ta aí, uma boa pergunta, Flávia! Eu mudei da minha região lá de Minas Gerais, não por mim, porque por mim eu me virava de um jeito ou de outro, mas a minha decisão de ter mudado de um estado para o outro, foi os meus filhos, porque eu queria o melhor pros meus filhos e vi (pausa) eu sempre vi que lá na minha região não tinha um futuro legal para eles, nem que quisesse ia ter, porque lá é uma região muito pobre, muito difícil, diferente, diferente em que sentido? Por exemplo, filho de pobre hum, não tem grandes chances, filho de rico você sabe já nasce né com vantagens, vai ter aquilo que o pai escolher e eu pensei pros meus filhos ter uma vida mais assim (pausa), dentro das condições (pausa) melhor que a minha que eu tive, tem que partir para a cidade grande, lugar que vai aprender mais, estudar, né!E eu vi que estava certa, porque hoje eu vejo meus sobrinhos que moram lá até hoje, vive mais afastado da família deles. Porque eu criei os meus filhos juntos, comigo, não tive que ficar longe deles né, por causa dessa situação então eu acho que fiz certo. Porque eles estão empregados em firma. Não fizeram faculdade, mas não foi porque eu não incentivei, mas ganham seu dinheiro, vivem bem, terminaram a escola. E lá eu sei que não ia ser assim.*

Esperava encontrar em Rio Claro uma vida melhor: “Oportunidade”.

Das festas em Minas faz referência à música “bem animada”. E sobre as festas que ocorrem no Distrito de Ajapí que são parecidas com as de lá.

Freqüenta o centro da cidade e disse conhecer a cidade inteira: “*ando de lá pra cá*”.

Quanto à temática migração, fica em dúvida se esse assunto foi visto na escola, mas responde:

*- Migração (pausa), ah eu vi, vi em Geografia e Português, os professores perguntavam como era onde a gente morava, o solo de cada região, a linguagem, sotaque, sobre a viagem que nós fiz.*

Quanto a elementos na paisagem que trazem à memória o local de origem responde:

*-Tem paisagem, a manga de criação de gado lá pra cima, lembra a fazenda onde eu morava. Às vezes eu gosto de ir lá no Horto Florestal passear de final de semana. É bonito lá, as casa antigas parece com umas que tinha em Minas.*

### 5.3 Entrevistada: Alicia

Local da entrevista: Escola II

Data: 01/06/2012

Alicia nasceu em Mato Verde - Minas Gerais, tendo migrado para Rio Claro quando criança e retornado anos mais tarde ao local de nascimento, aos 30 anos de idade volta a morar em Rio Claro, ela nos conta:

*- Há 20 anos que eu estou aqui, na verdade é bem mais, eu vim, fiquei aqui um tempo e depois fui embora e depois voltei.(...) Vim com 7 anos pra cá. É que meu pai trouxe minha mãe para fazer um tratamento. Ai ficamos aqui três anos e depois agente foi embora. E depois eu casei e vim para cá.*

Do motivo para migração apresenta:

*-Por causa, eu mesmo vim para fazer um tratamento porque eu também tava doente lá e meu menino tinha problema no coração e lá não tinha condições de fazer o tratamento dele. E eu vim para cá por causa disso. E eu tinha depressão e não sabia o que era e aqui eu fui no clínico e descobriram o que eu tinha. E foi por esse motivo que eu vim e por causa do meu menino.*

Pergunto-lhe se encontraram o serviço de saúde que necessitavam:

*- Encontramos, eu encontrei sim, foi um tempo que estava em dúvida ainda, porque com depressão eu já não confiava mais em médico do SUS<sup>18</sup>. Ai eu comecei trabalhar para pagar consultas, pra mim eu tava com uma doença grave e por fim descobri que era depressão e para o meu menino eu também não quis esperar pelo SUS e paguei consulta e eu também tive ajuda das pessoas, da Igreja Batista, porque eu não tinha condições. Eles pagaram 300 reais para descobrir o que meu menino tinha e graças a Deus não era nada grave, era só sopro. E nisso agente ficou aqui e fomos trabalhando, compramos uma casinha.*

Os pais ainda moram em Minas Gerais na mesma cidade, Mato Verde, e o contato com os familiares é mantido por telefone, mas já enviou cartas para a família:

---

<sup>18</sup> Sistema Único de Saúde.

- Agora a gente parou por causa do telefone né, porque é mais nele, mas todo final de semana eu enviava uma carta para minha mãe. É que agora eu ligo porque não tem mais necessidade de escrever; é como se tivesse falando pessoalmente né, agora ficou muito fácil né! Por telefone, antes não tinha, agora então ficou bem mais fácil.

Sobre ler e escrever:

- Agora tem internet em casa por causa de trabalho de escola. Eu já terminei até a 8ª agora. E tenho lápis e caderno mesmo para estudar. Agora nem tenho tempo né, porque trabalho direto, então to me acostumando, eu trabalho direto só tenho uma folga por semana, então folgo ela no domingo ou no sábado e não dá mais, por falta de tempo parei de estudar é muito corrido. Vamos ver se vai dar para voltar no meio do ano, vejo se consigo arrumar um emprego melhor porque trabalho tanto. (...) Eu trabalho numa granja de ajudante geral né, faço tudo, então o serviço é muito pesado, não tenho hora pra entrar não tenho hora pra sair, às vezes trabalho onze horas por dia. E não ganho tão bem assim, porque trabalho muito e ganho pouco, não tem um acerto, não tem nada. Eu só trabalho porque (pausa) eu to lá ainda por causa do dinheiro. Eu não posso sair porque separei do meu marido né, tenho cinco crianças, tudo assim aqui em casa. Mais tudo depende de mim, é esse meu medo de sair de lá e de demorar para encontrar emprego. Tem que ter os pés no chão, tem né! Porque cuido deles sozinha não tenho ajuda, então eu to lá por causa disso. Eu queria fazer acordo, mas e o medo de sair e ficar desempregada, não tenho estudo, com que eu vou consegui só tendo a oitava série, vai fazer cinco anos que eu estou lá, não tenho coragem de sair, to aí nessa tentativa.

Manifesta o desejo de continuar a estudar:

- Eu tenho vontade de estudar. Se eu fosse fazer acordo e estivesse estudando, eu tinha saído, porque pelo menos eu tinha uma esperança. Se eu to estudando tenho a oportunidade de uma coisa melhor né!,

Já escreveu sobre o lugar em que nasceu:

- Agente escreve né, Porque assim, é um lugar que a gente já viveu né, então tem muitas recordações boas de lá, mesmo quando agente veio de lá, É assim, veio em busca de um sonho melhor né, de um emprego porque lá também não tem, lá é um lugar bom, mas não tem firma, tem que trabalhar com roça mesmo. Então aí não dá pra viver em um lugar assim não, e além do que, não tem muito assim, médico, você tem que ir pra longe, então é um lugar bom, mas tem muita dificuldade. A cidade é longe e a gente mora no sítio, mas é um lugar bom de viver, bem legal, livre né e bem tranquilo.

A partir de sua resposta lhe interrogo: Por que você considera como um lugar bom de viver?

- *Porque é sitio, fica a vontade, não é essa correria que nem é aqui. Você fica livre, não é muito roubo igual aqui, mas o problema mesmo é por causa que não tem emprego. É muito difícil, você vê na televisão que passa que é muita seca lá no norte de Minas, Ceará, então são coisas que agente sabe.*

Sobre a experiência da mudança, sobre a viagem fala:

- *Ah mudou assim, sair do lugar em que você nasceu para um lugar que você não conhece, não tem muito conhecimento não sabe o que tem aqui. Acho que é isso. E também agora agente trabalha registrado.*

Quando a pergunta é sobre o que esperava encontrar em Rio Claro, responde:

- *O que eu imaginava encontrar era um lugar para morar, porque quando eu cheguei aqui, agente morava num lugar que não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Meu sonho mesmo era de chegar aqui e encontrar um lugar para agente morar e eu consegui e hoje tenho a minha casa. Meu sonho de chegar aqui e conseguir era isso ai, porque eu não queria pagar aluguel. Porque não tem ninguém que gostaria de pagar né, porque é um dinheiro que vai e não volta.*

Sobre a presença de escolas na área em que morou comenta:

- *Havia escolas, frequentei sete anos, sete anos não, foi três anos só, porque eu trabalhava na roça e meu pai não me deixava estudar. Ai eu e meus irmãos tinha que ir dois ou três anos, primeira, segunda e terceira série. Como eu tinha serviço mesmo meu pai não me deixava estudar.*

Com relação à estrutura da escola:

- *Ah era uma estrutura boa sim, era simples né, mas acolhedora. Uma escola com bastante sala, o professor ensinava bem, a gente só não aprendia mais porque ia num dia, no outro já não ia porque tinha que ir para roça trabalhar, então era boa. Era próxima da minha casa, levava uns 10 minutos caminhando até a escola.*

Fiz-lhe a seguinte pergunta: E porque você voltou a estudar?

- *Pra conseguir um emprego melhor. Pra ter assim um conhecimento melhor, foi que eu voltei.*

Sobre o lugar em que nasceu conta:

- *Quando eu nasci lá era um lugar bem deserto assim, não tinha muita casa, eram duas três casas. Agora não, ta bem diferente tem bastante casa, uma escola maior ainda, tem igreja. Tem bastante assim, a área de saúde já vai lá agora, antes não tinha, agora vão lá*

*para medir à pressão das pessoas, vão lá ver os que têm diabetes, tem atendimento nas casas, agora mudou, ficou bem melhor.*

Das festas nos diz:

*- As festas (risos) até hoje tem muita festa, agora nesse mês tem São João, tem um monte de festa, tem muita gente que vem para cá e não fica por causa disso né, por que lá tem bastante festa e aqui é mais difícil, ainda mais para quem quase não sai de casa. Lá é muita festa mesmo. Lá tem São João, agora mesmo em julho tem a festa do arroz.*

Em Rio Claro o lugar que lembra Alicia do município em que nasceu é o próprio local de trabalho:

*- A firma onde eu trabalho, lá é no meio do mato, então onde eu trabalho lembra muito lá, ainda mais que eu olho vejo as roças de cana lá do serviço.*

Na cidade de Rio Claro passeia com as filhas no Lago Azul. *“É difícil, mas eu vou lá de vezes enquanto só. Porque as meninas gostam de brincar nos brinquedos que tem lá, na areia, jogar bola.”*

Não conhece o Horto Florestal da cidade e gostaria de conhecê-lo.

Quanto ao que mudou em sua vida com a vinda para Rio Claro, conta:

*-Agora eu trabalho registrado, tenho meu próprio salário. Lá não, eu trabalhava com os meus pais e não tinha salário nenhum e também um dos meus filhos já trabalha, tem 19 anos, e se agente tivesse lá ia trabalhar roça, aqui ele trabalha registrado também.*

Da pergunta o que mudou em você com a vinda para Rio Claro, Alicia responde:

*- Mudou (pausa), eu estudei mais, eu tenho mais conhecimento das coisas, eu não me sinto conhecedora das coisas porque não estudei muito tempo, mas conheço mais, tenho mais conhecimento. Nesse pouco tempo que eu estudei me serviu muito, porque eu tirei habilitação e me ajudou muito, antes eu nem sabia o que era gabarito, por que tinha estudado muito pouco tempo.(...) Agora assim se for para eu arrumar um emprego melhor, eu sei que com a oitava série dá para conseguir. Eu quero terminar toda a escola. Depois eu posso fazer um curso.(...) Eu não vou sonhar muito alto porque não tenho condições, mas pelo menos um cursinho básico, de culinária, alguma coisa assim.*

Sobre como a migração foi tratada em aula:

*- Foi estudado, mas eu não lembro, sei que foi estudando, acho que em Português.*

Sobre a semelhança entre o local de nascimento e o bairro de residência atual, responde que há algo na paisagem do bairro que remete ao local onde nasceu:

*- Trás porque o bairro aqui é simples quase igual lá onde agente morava. É um pouco parecido. Em Rio Claro na cidade não tem nenhum lugar que me lembre Minas.*

#### 5.4 Atividade Coletiva com educandas do PEJA

Entrevistadas: Educandas do PEJA

Local Núcleo Artevida

Data: 27/08/2012

Participaram dessa atividade seis educandas do PEJA, duas mineiras, uma paranaense, uma baiana e três paulistas o objetivo era conversarmos sobre a experiência migratória. Dona Clemência mora a dezessete anos no bairro e nos conta:

*- Faz tempo que eu já morava no sítio, desde quando eu nasci, me criei toda vida foi no sítio, fazenda. Casei morando no sítio. Ai meu marido resolveu vir embora para a vila e to inté hoje.*

D. Maria mora a “uns treze anos mais ou menos” no bairro, nasceu na Bahia, mas viveu muitos anos no norte do estado de Minas Gerais, em Mato Verde. Mudou-se para Rio Claro com o marido:

*- Porque onde nós morava, nós tocava a roça e perdia toda a lavoura porque não chovia. Ai nós veio pra cá, por isso. Nós plantava algodão, milho, feijão, essas coisas.*

Jandira, mora há seis anos no bairro:

*- Sinceramente, eu vim, casei, depois morei em Santa Gertrudes e depois que eu vim para cá para o Bonsucesso.*

D. Maria do Carmo vive à aproximadamente trinta anos no bairro, tendo mudado de Analândia.

Márcia vive há doze anos no bairro e o que mais gosta nele é:

*- Das pessoas daqui. Tem gente muito boa no bairro e a paisagem assim, as árvores, ali mais pra cima tem cachoeira, pra aqueles lados de lá ai me lembra minha terra Cubatão, lá tem muita cachoeira, então aqui pra cima tem o rio Duas Cabeça e me lembra muito lá.*

Sobre a permanência de familiares no lugar em que nasceram respondem:

Jandira: *A minha família toda mora em Minas Gerais no município de Monte Azul.*

D. Maria: *Na Bahia, os de Minas vieram tudo pra cá.*

D. Clemência: *Minha família mora tudo aqui.*

D. Marinalva: *A minha mora tudo no Paraná. Minha mãe meus irmãos tudo.*

Quanto a visitar a família D. Marinalva responde:

- Não, faz mais de trinta e três anos que eu não tenho nem notícia. Nem sei se está viva a minha mãe. Nós ta procurando ela agora, vamos ver. Se ela não morreu nós acha. (...) O pastor da igreja disse que ta mandando email para a Eliana, para o Gugu sei lá. Eles são tudo enrolado fala anima agente. Eu tenho esperança de achar um dia antes de morrer, ta meio difícil. Porque ela nunca escreveu para mim, ninguém sabe ler. Minha mãe não sabe ler, meus irmãos não sabem ler, nem eu, se não já tinha achado, quem sabe não escreve pra gente, então é enrolado. (...) Minha mãe morava na fazenda Bandeirantes, onde eu casei, lá no Paraná. Daí nunca mais vi ela. Eu casei e vim embora para cá e nunca mais vi ela.

D. Clemência: Talvez ela ta morando lá mesmo, né? nessa fazenda.

D. Marinalva: Deve de ta. Não, dizem que ela mudou, ta numa Boa Vista, não sei explicar onde ela ta, tem que achar. Ai eu não sei quando será!

Flávia: O que vocês esperavam encontrar quando vieram para Rio Claro?

Jandira: Eu vim para cá arrumar serviço. Fiquei na casa de uma mulher trabalhando e depois eu amiguei e não trabalhei mais.

D. Maria: Esperava encontrar melhora, serviço, amizade também só isso.

D. Maria do Carmo: Esperava uma melhora, porque quando chegamos aqui não tinha nada, só os bois andando no rancho que nós morava que agente até pisava no capim puro.

Márcia: Esperava melhora, assim melhora de vida, eu pensei que aqui era melhor do que aonde eu morava, entendeu? Ai cheguei aqui e vi que era completamente diferente, no começo em não gostava daqui não, mas agora até que eu acostumei. Porque quando eu cheguei aqui foi na época que tava tendo muita briga, morte. Como eu não conhecia nada, ia daqui no mercado, na padaria, ia assustada com medo, entendeu? Via um matando o outro, então ficava meio com medo né! Agora não o bairro ta mais sossegado.

D. Marinalva: Tem trinta e três anos que eu moro em Rio Claro, no bairro deve ter uns sete anos. Em Rio Claro, faz mais de quarenta anos que eu moro aqui. Eu vim de Pereira Barreto para o Cervezão, naquele tempo eu tava com dezenove anos por ai. Naquele tempo que eu me alembro, que nós trabalhava em caminhão de cana, aqui era estradinha, tudo cheio de mato. Aqui era tudo mato. Nesse caminhosinho que vai para Ipeúna era um caminzinho, agente subia e ia cortar cana naquele mundão sem fim. Aqui era tudo matão. Quem disse que aqui ia virar vila? Naquele tempo eu era nova, nova de tudo, eu alembro, só que tinha a linha do trem, o pontilhão, o resto era tudo mato.

D. Clemência: Sossego. Quando eu morava no sitio eu trabalhei muito, meus filhos também trabalhavam muito. E aqui foi um sossego, no sitio agente sofre mais do que na vila.

Flávia: Por que no sítio sofre mais do que na vila?

D. Clemência: *Porque no sítio agente cansa de trabalhar, trabalha, trabalha e não é da gente, toma conta do sítio e patrão não paga o que vale. E na vila não, agente tem a casinha da gente, agente trabalha numa firma, mas agente mora no que é da gente né! Ganha um pouco a mais e ta morando no que é da gente.*

A atividade foi finalizada com o registro da paisagem do bairro e com atividade de escrita sobre o lugar de origem. Dessa atividade Márcia escreveu:

27/08/12

Nesta tarde, eu, as alunas e os professores de ppa fomos dar uma volta na rua de projeto para fazer filmagens e tirar fotos. Eu tirei fotos das árvores, das galinhas e de um cachorro que passava por ali naquele momento.

Foi muito bom, porque eu gosto muito da natureza e dos animais, admiro bastante esse núcleo que a natureza tem, da união dos vegetais, animais e o ciclo da vida ao qual nós fazemos parte dele.

A primeira parte foi sobre a migração, eu e minhas amigas discutimos sobre o nosso local de origem, o que a gente esperava sobre esta região quando a gente chegou aqui e as mudanças que foram ocorrendo.

As árvores e os rios e cachoeiras, lembram muito a minha terra natal, onde há bastante rios, cachoeiras e a famosa mata a beira do mar.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:

As informações levantadas nos questionários aplicados a educandos da EJA apontam a relevância da temática migração, uma vez que é inerente à condição de grande parte das pessoas.

Os questionamentos iniciais dessa pesquisa estão presentes nas falas das educandas entrevistadas, que apontaram os motivos para a migração. Cabe destacar a resposta de Alicia que migrou à procura de serviços de saúde, encontrou, porém não no serviço público. Já Ana Clara, indica em sua fala que a busca pela escolarização, não para si, mas para seus filhos, foi um dos motivos para a vinda à Rio Claro. As demais respostas relacionam-se à busca por trabalho, indiciando o desenvolvimento desigual das regiões do Brasil.

O centro da cidade e o espaço do bairro são lugares por onde circulam essas mulheres.

Todas relatam que a vida mudou para melhor com a migração, mesmo diante da dificuldade em se acostumarem em Rio Claro, como apontado por Márcia.

A escrita sobre a experiência migratória esteve presente nas falas de Márcia e Alicia. E a escrita de cartas já mediou às relações familiares, no caso de Alicia e Ana Clara. Da atividade coletiva do PEJA destaco D. Marinalva, alfabetizanda, que perdeu o contato com a mãe e nos apresenta a dificuldade de encontrá-la, dizendo que nem ela e nem a mãe sabem escrever.

A temática migração foi tratada nas aulas da EJA. E a necessidade de trabalhar foi apontada como o motivo que impossibilitou o estudo quando criança. Ana Clara aponta ainda a migração como dificuldade para frequentar a escola: “*A vida do meu pai foi uma vida que ele só viveu mudando, só mudando de um lugar pra outro e isso que se tornava uma dificuldade pra gente estudar.*” E a volta ou ingresso na escola foi apontado por elas como muito relevante em suas vidas como se pode conferir nos fragmentos das entrevistas que seguem:

*(...) eu tenho mais conhecimento das coisas, eu não me sinto conhecedora das coisas porque não estudei muito tempo, mas conheço mais, tenho mais conhecimento. Nesse pouco tempo que eu estudei me serviu muito, porque eu tirei habilitação e me ajudou muito, ante eu nem sabia o que era gabarito, por que tinha estudado muito pouco tempo. (...)* (Alicia)

*- Eu mudei muito como ser humano porque eu evolui muito, porque eu era uma pessoa muito diferente do que eu sou hoje. E educação transforma muito a gente. Você quando você tem estudo, você vê o mundo de outra forma. Você pega as coisa de uma maneira bem clara diferente daquilo que você é acostumado a ver ou o que você pensava que era (...) então é*

*como eu falei, mudei muito, eu sou outra pessoa por causa dos estudos, eu tenho muito a agradecer assim, a todo meu conhecimento, minhas experiências, meu sonhos que a volta aos estudos me trouxe porque se não fosse isso, se eu não tivesse voltado aos estudos eu não teria nada disso, essas emoções.* (Márcia)

Quanto à ideia de que o espaço do “novo” ambiente, referindo-se particularmente ao bairro onde residem, poderia ser construído a partir de elementos culturais transpostos do local de origem, nada foi indicado nas narrativas. E na paisagem do bairro os elementos que trazem lembranças da terra natal relacionam-se ao rural, ambiente em que passaram parte de suas vidas (Ana Clara e Alicia) ou com a vegetação e rios (Márcia). Algumas festas lembram as da região em que moravam, porém chama atenção a fala de Alicia:

*- As festas (risos) até hoje tem muita festa, agora nesse mês tem São João, tem um monte de festa, tem muita gente que vem para cá e não fica por causa disso né, porque lá tem bastante festa e aqui é mais difícil (...)*

Sobre o campo Ana Clara e D. Clemência, apresentam em suas narrativas a questão fundiária, da posse de terra:

*-(...) meu pai até tinha terra, que podia plantá, mas ele não tinha capital. Naquela época os bancos não forneciam dinheiro, igual é hoje (...) Então meu pai vendeu a terra dele e foi trabalhar na terra dos outros. E tudo isso, nesse intervalo ele ficou trabalhando em terra alheia(...)*

*-Porque no sítio agente cansa de trabalhar, trabalha, trabalha e não é da gente, toma conta do sítio e patrão não paga o que vale.*

As narrativas dessas mulheres revelaram diversas temáticas concernentes a Geografia como, por exemplo, a migração e a questão fundiária; são temáticas que se constroem porque são inerentes às experiências de vida das pessoas e porque são trazidas à discussão em estudos que focam essas questões. São discussões que intencionam colaborar para o professor da EJA, questões que, ao serem disparadas, revelam saberes pelo diálogo, que podem contribuir no encaminhamento de temas e das práticas pedagógicas desses professores.

Paulo Freire (2003) em *a Importância do ato de ler*, diz que a primeira leitura que fazemos é a leitura do mundo, logo nossa primeira leitura pode ser considerada geográfica, é a nossa percepção do lugar em que vivemos. Assim, ouvir as histórias e depoimentos narrados por migrantes educandas em salas de EJA e do PEJA revelam saberes de vida e experiências.

Assim, também fiz, eu mesma, uma trajetória, um percurso, nessa pesquisa que aqui tem um fechamento. Como estudante de Geografia, prestes a me tornar profissional nesse campo e interessada em contribuir com questões inerentes a ele, deixo registrado meu

depoimento, em breves palavras, o que foi esse percurso: para além de uma experiência de pesquisa, além do que o desenvolvimento de uma pesquisa agrega enquanto formação, enveredar por esse campo, por esse tema e pelas histórias dos sujeitos, me trouxe a possibilidade de abertura de horizontes para uma compreensão mais ampla do papel do geógrafo educador, do processo migratório para além dos números. Conhecer os sujeitos é conhecer a geografia que cada um traz consigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAUJO, R. R. de. **Sobre noções de constituição do sujeito:** mulheres alfabetizandas têm a palavra. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

ARROYO, M.G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidades públicas. In: SOARES, L, GIOVANETTI, M.A; GOMES, N.L (Orgs) **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ARROYO, M.G. Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, p.17-52.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEIRO, D. **Territórios e memórias:** narrativas de mulheres que migraram na segunda metade do século XX. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaio sobre literatura e história da cultura. 3ªed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAMARGO, M.R.R.M. **Cartas e Escrita**. Tese de Doutorado. FE-UNICAMP, 2000. Disponível no Sistema Digital Unicamp / Teses e dissertações.

CAMARGO, M.R.R.M. **O ato de escrever:** fronteiras entre o saber e o não saber. In: Congresso Luso-brasileiro, II, *Anais...* 2002a, Porto Alegre.

CAMARGO, M.R.R.M.; AGUIAR, C.M. Registros alternativos de saberes culturais: contribuição para a formação de professores. In: BARBOSA, R.L.L. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

CARLOS, A F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.

CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano: 1.Arte de fazer**. Petrópolis, Ed.Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de; GIARD, L. **A Invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.

CHARTIER, R. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1990.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 6º ed. 1995.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teorética**, v. 20, n. 39, p. 21-32, 1990.

CONNELLY, F. M. & CLANDININ, D. J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, Jorge (et al.). **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Alertes, 1995.

COSTA, R.H.M.R. **Os migrantes nacionais em Rio Claro e sua inserção no espaço urbano**. Dissertação (Mestrado em Organização do Espaço) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL Z. **Introdução à geografia cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERRARO, A. R. Direito à educação no Brasil e dívida educacional: se o povo cobrasse? **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo: mai/ago/2008, v.34, no.2.

FILENI, R de F.C. **O Processo Migratório para o Interior Paulista: o caso de Rio Claro.** Dissertação (Mestrado em Organização do Espaço) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, S. M de. **História oral: possibilidades e procedimento.** São Paulo: Humanitas, 2002.

GONÇALVES, A. R. **Espaço migrante: entre enunciações e olhares.** Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

IBGE. **Resultados do Censo Demográfico 2010**, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 20/07/20012

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-Síntese de Indicadores 2009**, 2010.

MAIA; A. C. **A construção de espaço e cultura: Trajetórias migratórias entre Monte Azul (MG) e Rio Claro (SP).** Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

MENESES, J.N.C de. **História & Turismo Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NUNES, M. P. Compartilhações no PEJA: aprendizados e emoções... In: CAMARGO, M.R.M de; JOAQUIM, F.F.(org). **PEJA-Rio Claro como espaço de Formação: nossas práticas, nossas histórias.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos.** Rio de Janeiro. Vol5, n.10, 1992. p. 200-212.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO. **Plano Diretor de Rio Claro e Normas Complementares.** Editora Tribuna 2000. Rio Claro/SP, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO. **Ata da reunião da Comissão de Reorientação Curricular d Educação de Jovens Adultos (EJA)**, Rio Claro, 27 de jul de 2010. Disponível em [http://www.educacaorc.com.br/imagens/conteudo/arquivos/2020331/atadareuniaoeja27\\_07\\_10.pdf](http://www.educacaorc.com.br/imagens/conteudo/arquivos/2020331/atadareuniaoeja27_07_10.pdf). Acesso em: 20/09/2012.

QUEIROZ, M. I.P de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991.

SEADE. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social**, 2008 Disponível em: <http://www.seade.gov.br/projetos/ipvs/> Acesso em 21/05/ 2012.

SINGER, P. **Migrações** internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto. 2002. p. 29-62.

SURIAN, T. **Um estudo das práticas de escrita de mulheres (escritoras ou não) na Educação de Jovens e Adultos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. In: **Revista Brasileira de História**. ANPUH/Humanitas, São Paulo, vol.22, nº 44, 2002, p. 341-364.

TUAN, Y-f. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de L. de Oliveira. São Paulo, Rio Claro: DIFEL, 1980.

## APÊNDICE

### Roteiro de entrevistas

1-Em que cidade você nasceu? Fica em qual estado?

2-Em quantas / quais cidades/ município (inclui área rural) você já morou? Por quanto tempo viveu em cada uma delas? Qual era sua idade quando viveu em cada uma das cidades que você falou?

Local de nascimento: nome do município \_\_\_\_\_ (     )cidade     campo(     )  
Estado\_\_\_\_\_ Tempo de permanência\_\_\_\_\_ Idade : de 0 até \_\_\_\_\_anos

2ª local de residência: nome do município \_\_\_\_\_ (     )cidade     campo(     )  
Estado\_\_\_\_\_ Tempo de permanência\_\_\_\_\_ Idade : de \_\_\_\_\_anos até \_\_\_\_\_anos

3ª local de residência: nome do município \_\_\_\_\_ (     )cidade     campo(     )  
Estado\_\_\_\_\_ Tempo de permanência\_\_\_\_\_ Idade : de \_\_\_\_\_anos até \_\_\_\_\_anos

4ª local de residência: nome do município \_\_\_\_\_ (     )cidade     campo(     )  
Estado\_\_\_\_\_ Tempo de permanência\_\_\_\_\_ Idade : de \_\_\_\_\_anos até \_\_\_\_\_anos

3-Você mudou de cidade sozinho/a ou acompanhado/a da família e/ou de amigos?

4-Você tem familiar e/ou amigos nos locais em que você já morou?

5-Você tem contato com esses familiares? De que forma?

6-Já enviou ou recebeu cartas de algum familiar ou amigo?

7-Você pode falar sobre que outros materiais de ler e escrever você tem na sua casa? Ou alguém da sua família?

8-Tem algum material de leitura ou escrita [livro/ caderno de receita/ recorte...] que você ou sua alguém de sua família guarda e que tem a ver com o lugar de onde você veio?

9-Você escreve ou já escreveu sobre o lugar em que nasceu ou sobre os lugares que morou?

10-Já escreveu sobre como foi ter mudado de cidade?

11-Você lembra como foi a viagem (foram as viagens) que fez quando mudou?

12-Quais foram os motivos que levaram você a mudar de cidade?

13-O que você esperava encontrar na nova cidade?

14-Dos lugares que você morou, qual gostou mais e por quais motivos?

15-Havia escolas nos locais em que você morou? Você as frequentou? Você pode contar como era a escola? Como eram? (estrutura). Por quanto tempo? Era próxima ou distante da sua casa? Como você chegava até ela?(caminhando, ônibus etc..) Quanto tempo levava da sua casa a escola?

16-Por que você interrompeu seus estudos? Por que você voltou a estudar?

17-Conte-me um pouco de como eram esses lugares em que você morou (sugestão começar pela terra natal). E hoje como são?

18-Como eram as festas? As músicas? E a alimentação?

Sobre Rio Claro:

19-E aqui em Rio Claro há algo que lembra o seu lugar de origem? Você pode falar de alguma coisa que você continua a fazer ou participar? (festas, músicas, alimentação).

20-Quais partes da cidade você frequenta?

21-Quais ou quais lugares da cidade você ainda não conhece que gostaria de conhecer? Por quê?

22-O que mudou na sua vida com a vinda para Rio Claro?

23-O que mais você tem a dizer/pode falar da(s) mudança(s) que você fez? O que mudou EM você? [experiência]

24-Você poderia falar de que modo/ como a questão da migração [as mudanças de lugar/ dos costumes/ do jeito de falar/ como fica quando escreve?] é estudada/tratada na escola que você frequenta (ou na que já frequentou)? [elementos culturais]

25-Uma última pergunta: No bairro Bonsucesso/ Novo Wenzel há algo na paisagem que te traz lembranças do lugar em que você nasceu? Tem algo que se parece com sua terra natal? E na cidade de Rio Claro?